



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

TALIANA MARIANE DANTAS DE SOUSA ALVES

PERPLEXA POETICIDADE: UMA ANÁLISE DA VIOLÊNCIA CONTRA A
MULHER EM CONTOS DE MIRIAM ALVES

João Pessoa-PB

Julho-2021

TALIANA MARIANE DANTAS DE SOUSA ALVES

PERPLEXA POETICIDADE: UMA ANÁLISE DA VIOLÊNCIA CONTRA A
MULHER EM CONTOS DE MIRIAM ALVES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras – Língua
Portuguesa, da Universidade Federal da Paraíba — UFPB,
como requisito parcial para obtenção do título de
Licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Franciane Conceição da Silva

João Pessoa

Julho-2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A474p Alves, Taliana Mariane Dantas de Sousa.

Perplexa poeticidade: uma análise da violência contra a mulher em contos de Miriam Alves / Taliana Mariane Dantas de Sousa Alves. - João Pessoa, 2021.

51 f.

Orientadora: Franciane Conceição da Silva.

TCC (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2021.

1. Alves, Miriam. 2. Literatura afro-brasileira. 3. Ferocidade Poética. 4. Fonte de Perplexidade. 5. Violência contra a mulher. I. Silva, Franciane Conceição da. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82-34(6:81)

Elaborado por CLEYCIANE PEREIRA - CRB-15/591

TALIANA MARIANE DANTAS DE SOUSA ALVES

PERPLEXA POETICIDADE: UMA ANÁLISE DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER
EM CONTOS DE MIRIAM ALVES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras – Língua
Portuguesa, da Universidade Federal da Paraíba — UFPB,
como requisito parcial para obtenção do título de
Licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

TCC defendido em: ____/____/2021

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Franciane Conceição da Silva (UFPB-DLCV)
(Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Amanda Ramalho de Freitas Brito (UFPB-DLCV)
(Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Assunção de Maria Sousa e Silva (UESPI / UFPI-CTT)
(Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Carolina Batista de Souza (PPGS-UFPB)
(Examinadora suplente)

João Pessoa-PB

Julho-2021

Dedico este trabalho a todas as mulheres que já sofreram e/ou sofrem as múltiplas violências presentes na nossa sociedade. Lutemos e, assim, nossas vozes serão ouvidas.

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me dado forças de continuar nos muitos momentos em que pensei em desistir. Foi Ele quem me sustentou durante minhas fraquezas e me deu possibilidades de prosseguir com o meu sonho.

À minha mainha, Maria do Socorro, que mesmo diante da violência doméstica, lutou, desde a minha infância, para manter meus estudos e me deu forças para superar todos os obstáculos, mostrando-me seu amor incondicional nas horas boas e ruins.

À minha tia, Zélia, e ao meu tio, Zeca, pois quando minha mãe assumiu a responsabilidade de sustentar sozinha duas filhas adolescentes, me deram abrigo, me incentivaram e me deram possibilidades de estudar perto de casa, além de todo o amor.

À minha madrinha, Edinete, por estar comigo em todos os momentos, bons e ruins, assumindo o posto de minha melhor amiga e confidente. Obrigada por tanto apoio e por tantos conselhos.

Ao meu padrinho, José Dantas, e aos meus primos Sérgio, Grieco e Wemma por me incentivarem a iniciar a Licenciatura e por me instigarem a dar o meu melhor até o final, ensinando-me a aproveitar todas as oportunidades de crescimento pessoal e profissional dentro e fora da academia.

À minha irmã Tanlísia, ao meu cunhado Djhony, ao meu irmão Túlio e à minha cunhada Laíse, que cuidaram de mim nos momentos mais conturbados da graduação, dando-me forças e a possibilidade de focar apenas em meus estudos.

Ao meu companheiro e amigo, Maxuel Amorim, pelo incentivo, pela ajuda, pelas noites mal dormidas, auxiliando-me nas atividades acadêmicas e escutando meus lamentos de cansaço depois de um ano extremamente conturbado. Obrigada pela atenção e por todo o cuidado.

Às minhas amigas, Ana Clara, Layne Maria, Rafaela de Sousa e Thaizy Amorim, por acreditarem em mim e me mostrarem que eu nunca estarei sozinha. Obrigada pelas palavras de conforto, pelos choros e pelas risadas nessa nossa trajetória de vida e de universidade.

A toda equipe do Programa Linguístico-Cultural para Estudantes Internacionais (PLEI), projeto de extensão do ensino de português como língua estrangeira (PLE) e/ou adicional (PLA), do qual participo há dois anos, permitindo-me ter o contato e a experiência com a sala de aula.

Ao meu querido professor, José Wellisten, pelos conselhos pessoais e profissionais, por saber enxergar e compreender minhas dificuldades mesmo sem eu pronunciar. Por ensinar-me,

com suas atitudes, a ser uma docente que enxerga os seres humanos que ocupam o papel de discentes em sala de aula. Obrigada por todos os ensinamentos e por toda a parceria ao longo desses 2 anos!

Às professoras Amanda Ramalho de Freitas Brito e Assunção de Maria Sousa e Silva, integrantes da Banca Avaliadora, por aceitarem o convite de examinar e enriquecer este trabalho com suas reflexões.

À minha orientadora, Professora Franciane, por me ensinar a transgredir em todos os aspectos, por me apresentar abordagens de ensino que modificaram positivamente minha formação como docente, por ter sido forte em um momento de extrema vulnerabilidade e mostrado o seu intenso amor pela docência, pois foi naquela disciplina, em 2019, que me encontrei como amante de uma literatura que nunca tinha acessado. Obrigada, professora!

*Uma gota de leite
me escorre entre os peitos.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas.
Meia palavra mordida
me foge da boca.
Vagos desejos insinuam esperanças.*

*Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo*

*Antes – agora – o que há de vir.
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo
do mundo.
(Conceição Evaristo)*

[...]

Olhando o vago...

Pensei

*(eu sei da força que vem de cima
impedindo a subida
empurrando para baixo
sempre com mais força
pra gente não subir
até cair sentado
na poça de lama).*

*no mesmo instante reagi
encostei o pensamento
hora de mudar tudo.*

*Eu tenho uma espada
legada por um antepassado...*

D. Quixote (talvez)

Espada real e verdadeira.

*Armada de guerra...
refeita a garganta doída...
gritei pra mim:*

“— Vou à luta !!!

Vou lutar !!!

Defendo um ideal...

Real verdadeiro.”

sai

*empunhando espada
legado d'um passado
na luta da reação.*

(Miriam Alves)

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar a encenação da violência contra a mulher, a partir da leitura dos contos “Alice está morta”, publicado na obra *Mulher Mat(r)iz* (2011), e “Acidente”, publicado na coletânea *Juntar Pedacos* (2020), da escritora Miriam Alves. No estudo do primeiro conto, buscamos compreender o sentido da “Ferocidade Poética”, analisando a construção narrativa do discurso do agressor. No segundo texto, investigamos o sentido da expressão “Fonte de Perplexidade”, analisando o modo como é encenada a violência praticada pelo agressor e também o comportamento da vítima. Para uma melhor compreensão dos recursos narrativos “Fonte de Perplexidade” e “Ferocidade Poética”, recorremos aos estudos de Silva (2018). No intuito de compreender a violência simbólica, o processo de dominação masculina e a representação da figura feminina na sociedade patriarcal, recorremos a Del Priore (2014), Bourdieu (2012) e Saffioti (2011). Nos embasamos ainda nas reflexões apresentadas por Conceição Evaristo (2009), no que diz respeito aos estigmas perpetuados no processo de representação da mulher negra na literatura hegemônica.

Palavras-chave: Literatura Afro-brasileira; Ferocidade Poética; Fonte de Perplexidade; Miriam Alves; Violência contra a mulher.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo analizar la escenificación de la violencia contra la mujer, a partir de la lectura de los cuentos “Alice está morta”, publicado en la obra *Mulher Mat(r)iz* (2011), y “Acidente”, publicado en la colección *Juntar Pedacos* (2020), de la escritora Miriam Alves. En el estudio del primer cuento, buscamos comprender el significado de “Ferocidad Poética”, analizando la construcción narrativa del discurso del agresor. En el segundo texto, investigamos el significado de la expresión “Fuente de Perplejidad”, analizando la forma en que se escenifica la violencia practicada por el agresor y también el comportamiento de la víctima. Para una mejor comprensión de los recursos narrativos “Fuente de Perplejidad” y “Ferocidad Poética”, recurrimos a los estudios de Silva (2018). Para entender la violencia simbólica, el proceso de dominación masculina y la representación de la figura femenina en la sociedad patriarcal, recurrimos a Del Priore (2014), Bourdieu (2012) y Saffioti (2011). Aún nos basamos en las reflexiones presentadas por Conceição Evaristo (2009), respecto a los estigmas perpetuados en el proceso de representación de la mujer negra en la literatura hegemónica.

Palabras clave: Literatura Afrobrasileña; Ferocidad Poética; Fuente de Perplejidad; Miriam Alves; Violencia contra la mujer.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 CAPÍTULO I	16
1.1 Mulher e Literatura: algumas considerações	16
1.2 Miriam Alves: mulher matiz, força motriz	21
3 CAPÍTULO II	26
2.1 De silêncios que gritam: análise do conto “Alice está morta”	26
2.2 Cigarros de crença, porres de esperança: traços de Ferocidade Poética.....	32
4 CAPÍTULO III.....	36
3.1 Juntar Pedacos: um levante negro-feminino	36
3.2 De faca empunhada, arquiteto planos de libertação: uma análise do conto “Acidente”	39
3.3 Letras que atravessam certezas: Fonte de Perplexidade	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
6 REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

O Brasil é um dos países que mais mata mulheres no mundo, ocupando o 5^o lugar no ranking mundial. Essa estatística alarmante revela que o Brasil é um dos países do mundo mais perigosos para as mulheres viverem. Dentre os vários motivos que podem explicar esse índice altíssimo de violência no território brasileiro, destacamos o fato do Brasil ser uma sociedade alicerçada em práticas androcêntricas e patriarcais. Nesse modelo de sociedade, temos um dominador (homens), que impõe as regras e os padrões a serem seguidos, e as dominadas (mulheres), que devem seguir os padrões estabelecidos. Quando elas se recusam a aceitarem as regras impostas, tornam-se vítimas da violência do “dominador” como punição por sua desobediência. De algum modo, se perpetua em nosso país a ideia de que existe um colonizador/dominador e as colonizadas/dominadas.

Por muito tempo, a mulher foi obrigada a assumir um posto de recatada e do lar (DEL PRIORE, 2014), sendo muitas vezes silenciada diante da violência, a qual estava constantemente exposta. A partir de um processo histórico de resistência das mulheres que se organizaram para reivindicar os seus direitos e romper as correntes que as aprisionavam, a partir de uma luta árdua que levou muitas mulheres a sucumbir, conquistamos o direito à voz e passamos a gritar por justiça. O trabalho aqui apresentado é mais um desses gritos. Assim como Miriam Alves, autora das obras literárias que inspiraram essa pesquisa, “armada de guerra, refeita a dor na garganta, seguimos gritando na luta por um ideal” (ALVES, 1982).

Nesse sentido, considero importante dizer que as discussões sobre a violência contra a mulher serão realizadas a partir do texto literário. Partindo da perspectiva de que a literatura está intrinsecamente ligada ao contexto sócio-histórico (FACINA, 2004), podemos perceber que no decorrer das últimas décadas a temática da violência contra a mulher vem ganhando visibilidade e sendo retratada, principalmente, na escrita de autoria feminina, onde é exposto todo o processo de dominação masculina (BOURDIEU, 2012), sendo, então, a literatura um espaço de denúncia. A violência contra a mulher foi retratada em obras de escritores como Jorge Amado e José Lins do Rego. Autoras como Clarice Lispector e Lúcia Fagundes Telles também denunciaram em seus textos a violência de gênero. Porém, nos últimos anos, essa temática vem sendo retratada com grande recorrência nos textos literários de autoras afro-brasileiras, tais

¹ SUDRÈ, Lu; COCOLO, Ana Cristina. Brasil é o 5º país que mais mata mulheres. **Revista Entreteses**, São Paulo, v. 7, n. 7, p. 32-35, nov. 2016. Disponível em: https://www.unifesp.br/reitoria/dci/images/DCI/revistas/Entreteses/EntreTeses_07_2016.pdf. Acesso em: 23 mar. 2021.

como, Conceição Evaristo, Elisa Lucinda, Lia Vieira, Cristiane Sobral, Miriam Alves, entre outras. Essas autoras colocam em cena personagens negras, enfrentando os mais diversos tipos de violências, não apenas como um recurso estético, mas para chamar a atenção do/da leitor/a em relação à violência contra a mulher negra que, em função da estrutura racista da sociedade brasileira, muitas vezes, é invisibilizada.

De tal modo, vale enfatizar que as mulheres negras são as maiores vítimas de todas as manifestações de violências. Contribui para isso o contexto sócio-histórico advindo da escravidão. Como resquício da Lei Áurea que libertou a população escravizada sem lhe oferecer a mínima estrutura de sobrevivência, a maior parte das pessoas que vive em situação de vulnerabilidade social é afro-brasileira. Diante disso, as mulheres negras, em sua maioria, são advindas dos contextos sociais mais vulneráveis e, por isso, vítimas preferenciais dos processos de dominação masculina coordenados por um sistema patriarcal-capitalista-racista-misógino. Como exemplo disso, destaco a dificuldade de mulheres negras ascenderem no meio empregatício. Mesmo começando a trabalhar muito cedo, em função de todas as barreiras inseridas em sua trajetória, seguem num ritmo de ascensão bem inferior às mulheres brancas (HOOKS, 1981). Nesse caso, é importante ressaltarmos que as mulheres brancas também são atingidas pelos processos de dominação masculina, mas, por serem brancas e não sofrerem as mazelas e sequelas do racismo, são mais privilegiadas do que as mulheres negras na luta diária de afirmação do seu lugar na sociedade patriarcal.

Sendo assim, escolhi a escrita de Miriam Alves, sobre a qual me debruçarei no decorrer deste trabalho. Nesse cenário, o objetivo da presente pesquisa é analisar como é encenada a violência contra a mulher em dois contos de Miriam: “Alice está morta”, extraída da obra *Mulher Mat(r)iz* (2011), e “Acidente”, de *Juntar Pedacos* (2020), o mais recente livro da autora. No decorrer da análise, vamos investigar como é encenada a violência contra as personagens principais dos dois contos selecionados, destacando, ainda, como essas personagens reagem a tais violências e se, necessariamente, conseguem reagir. Além disso, observo como a escrita de Alves, além de trazer as múltiplas violências contra a mulher, desconstrói a representação estigmatizada da mulher negra produzida na literatura hegemônica (EVARISTO, 2009).

Para tanto, como fundamentação teórica das análises desenvolvidas, foram de suma importância os estudos de Mary Del Priore (2014), Pierre Bourdieu (2012) e Saffioti (2011) no que diz respeito à representação da figura feminina e o processo de dominação masculina presentes na sociedade. Para entender as estratégias literárias utilizadas por Miriam Alves para representar a violência nos dois contos, vamos recorrer ao trabalho desenvolvido pela

professora e pesquisadora Franciane Conceição da Silva, a partir dos conceitos desenvolvidos por ela de Ferocidade Poética e Fonte de Perplexidade. Além disso, recorreremos ao estudo realizado pela intelectual, escritora, poeta e ensaísta, Conceição Evaristo, a partir dos seus estudos sobre a Literatura Afro-brasileira, que utilizamos como embasamento para compreender melhor as ideias trazidas por Miriam Alves em seus textos.

Em suma, no primeiro capítulo deste trabalho, fazemos uma breve reflexão a respeito da mulher na sociedade, refletindo ainda sobre a escrita feminina na literatura brasileira. No segundo capítulo, trazemos uma biografia da escritora-poeta-ensaísta, Miriam Alves, e uma apresentação do seu livro *Mulher Mat(r)iz* (2011). Em seguida, realizamos uma análise do conto “Alice está morta”. Para finalizar este capítulo, investigamos como o conceito de Ferocidade Poética pode ser utilizado para compreendermos as estratégias narrativas utilizadas por Miriam Alves na encenação da violência contra a mulher no conto “Alice está morta”. No terceiro capítulo, analisamos a obra *Juntar pedaços*, em um primeiro momento, descrevo como as personagens são apresentadas no livro e como se dá as relações afetivo-sexuais dessas mulheres. Em seguida, respectivamente nos tópicos 3.1 e 3.2, apresento a análise do conto “Acidente”. Além disso, analiso o conceito de Fonte de Perplexidade na construção narrativa deste conto. Para finalizar, verifico se há relação entre as personagens analisadas e que estratégias elas utilizam para lidar com a violência sofrida.

CAPÍTULO I

1.1 Mulher e Literatura: algumas considerações

Ao longo da história, sobretudo em algumas sociedades ocidentais, as mulheres foram condicionadas a um papel de submissão ao masculino, estando o poder centrado na figura do homem. Ou seja, desde os tempos antigos, a mulher está submetida às regras de uma sociedade religiosa e patriarcal, sendo condicionada ao espaço privado, responsável pelas atividades domésticas e pelos cuidados dos filhos e/ou filhas. Para Bourdieu (2012, p. 41) isso ocorre pelo fato de:

o mundo limitado em que elas estão confinadas, o espaço do vilarejo, a casa, a linguagem, os utensílios, guardarem os mesmos apelos à ordem silenciosa, as mulheres não podem senão tornar-se o que elas são segundo a razão mítica, confirmando assim, e antes de mais nada a seus próprios olhos, que elas estão naturalmente destinadas ao baixo, ao torto, ao pequeno, ao mesquinho, ao fútil etc.

Nessa perspectiva, Mary Del Priore (2014) relata que as pessoas do sexo feminino eram consideradas fundamentais para assumirem o posto de mãe e mulher dedicada. Era — e, muitas vezes, ainda é — quase que uma regra a mulher ser o espelho da Virgem Maria: submissa às vontades de seu “superior” (o homem), obediente, casta, religiosa e uma edificadora do lar. Se agisse/age ao contrário disso, a mulher recebia/recebe o título de “puta”, a destruidora de lares, desviada dos paradigmas cristãos e descartada da visão de boa samaritana.

Nesse sentido, percebe-se esse código moral imposto ao feminino, culminado desde a Idade Média, devido à injunção dos dogmas cristãos, criou um estereótipo que tenta definir o lugar feminino, dividindo-as em duas faces: a mulher que se assemelha a Eva, a pecadora, e a Maria, a perfeita. Eva, considerada a mulher que quebrava/quebra os paradigmas impostos, aquela que buscava/busca a sua própria liberdade e independência social, já Maria era/é o exemplo de Mulher a ser seguido, sempre recatada, dedicada ao lar, marido e filhos. Del Priore (2014, p. 12) endossa esse pensamento ao afirmar que a mulher deve:

Ser, enfim, a ‘santa mãezinha’. Se não o fizesse, seria confundida com um “diabo doméstico”. Afinal, sermões difundiam a ideia de que a mulher podia ser perigosa, mentirosa e falsa como uma serpente. Pois ela não tinha falado com uma no paraíso? O modelo ideal era Nossa Senhora. Modelo de pudor, severidade e castidade.

Considerando o contexto da produção literária, sabemos que por muito tempo a escrita de mulheres foi apagada e, quando ganhava alguma visibilidade, era subjugada, sendo vista

como inferior em relação à produção literária masculina. Numa época em que pouquíssimas mulheres tinham o direito de estudar, a soberania intelectual masculina era predominante, fazendo com que os homens, em sua maioria brancos, dominassem o campo literário.

Ainda hoje, podemos ver resquícios dessa desigualdade. É inegável que, embora muitas mulheres tenham se destacado na Literatura Brasileira, os homens, em sua maioria brancos, ocupam esse espaço como se fosse propriedade exclusivamente deles. A visibilidade dos textos produzidos por eles é maior e as críticas são mais positivas e profundas. A mídia divulga suas obras com maior facilidade, pois elas, geralmente, não causam tanto desconforto e seus temas são do interesse dos “senhores” das classes mais altas. Segundo Cláudia Castanheira (2011, p.26),

No caso brasileiro, contudo, sob os impositivos ideológicos de uma colonização econômica e cultural, a mulher deparou-se com graves obstáculos à sua inserção no cenário literário. Prevalencia o pensamento de que as mulheres eram intelectualmente inferiores aos homens, portanto sua forma de pensar e de escrever não era levada em consideração. Por não possuir nem a independência intelectual nem a material — e uma coisa é ligada a outra —, a mulher, a que era considerada moralmente válida, não tinha como avançar muito além dos muros de seus quintais para adquirir uma cultura superior e dar vazão à sua criatividade.

Em uma sociedade fundamentada no androcentrismo, as poucas mulheres que tiveram a oportunidade de enfrentar o sistema — podendo ser censuradas, submetendo-se a verem seus textos serem publicados no anonimato, com pseudônimos ou, até mesmo, assinados por homens — foram capazes de iniciar um novo ciclo no meio literário, rompendo com uma estrutura patriarcal e misógina.

Há tempos que mulheres utilizam-se da escrita como ferramenta de denúncia, a exemplo de Bárbara Heliodora (1758-1819), Beatriz Francisca de Assis Brandão (1779-1868), Maria Firmina dos Reis (1822-1917), Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), Carolina Maria de Jesus (1914 -1977), Lygia Fagundes Telles (1923), Marina Colasanti (1937) Conceição Evaristo (1946), Miriam Alves (1952), Elisa Lucinda (1958) e tantas outras figuras femininas, que vêm se destacando no campo literário por denunciar em seus textos paradigmas sociais impostos às mulheres e, principalmente, a violência contra a mulher. Mulheres de diferentes épocas que demarcam em sua escrita a importância da representatividade feminina na literatura.

Além da invisibilidade da produção de autoria feminina, há outra problemática no meio literário pouco discutida, mas que não devemos deixar de confrontar: os espaços para escritores(as) negros(as) são limitados. Segundo Evaristo (2009, p.27) “a literatura brasileira é repleta de escritores afro-brasileiros que, no entanto, por vários motivos, permanecem

desconhecidos, inclusive nos compêndios escolares”. Tal apagamento é reflexo da omissão e das tentativas de inibir as violências praticadas, durante toda a história escravista e racista que constitui o Brasil. Para Moema Parente Augel (2007), existe uma ligação entre o silenciado, a memória e o esquecimento:

Há um interrelacionamento significativo entre o silenciado, a memória e o esquecimento. Através do instrumento do silenciamento, emudece-se a memória do subalterno, procura-se esquecer a narração do passado vergonhoso ligado ao tráfico e ao cativeiro, esvaziam-se as tentativas de resistência. O silêncio permite gritar mais alto o discurso etnocêntrico, homogeneizador e monolítico que se quer único e verdadeiro. O silêncio boicota movimentos que tentam recuperar memórias sufocadas; por exemplo, a história da população afrodescendente (AUGEL, 2007, p. 5).

Como resultado da luta constante de movimentos sociais, sobretudo, o Movimento Negro, podemos discutir, debater essa questão e, apesar de todas as dificuldades que ainda perduram e imperam na nossa conjuntura social, já podemos ver algumas escritoras negras e alguns escritores negros, conquistando o reconhecimento de suas produções, tendo os seus textos divulgados e apreciados. Atualmente, muitas editoras realizam a divulgação de obras de autores e autoras afro-brasileiros/as, africanos/as e indígenas, tais como: o grupo Quilombhoje, responsável pela iniciativa dos *Cadernos Negros*, a editora Malê, responsável por uma das obras analisadas neste trabalho, *Juntar Pedacos* (2020), e tantas outras escritas de autores/as negros/as, a editora e instituto Nandyala, a editora Pallas, entre várias outras, que contribuem com a publicação e divulgação dessas escritas que, por tantos anos, foram invisibilizadas.

Essa relação intrínseca da literatura como representação da sociedade pode ser compreendida na reflexão de Adriana Facina (2004, p. 21-22), quando ela diz que “[...] as formas literárias são produtos históricos que buscam expressar realidades também históricas, e não elementos universais e atemporais”. Logo, compreende-se que a escrita literária, muitas vezes, carrega um processo sócio-histórico, onde, ocasionalmente, até a escolha do gênero enfatiza ainda mais a temática apresentada. Partindo para a análise presente neste trabalho, percebe-se que a problemática descrita pelos/as escritores e escritoras na literatura reforça a importância da ascensão da escrita feminina, principalmente, como artefato de denúncia da violência contra a mulher.

Ao se tratar da representação feminina na literatura, no âmbito da violência contra a mulher, geralmente, a personagem é apresentada como um indivíduo frágil, dependente do homem e submissa às suas vontades e prazeres. Um indivíduo vulnerável às múltiplas

manifestações de violências, representando, de uma certa forma, a realidade de muitas mulheres que ainda vivem nesse contexto.

Outro ponto que vale ser destacado é a representação da mulher negra na literatura hegemônica. Constata-se que essas características são ainda mais enfatizadas, as personagens negras são representadas em um contexto ainda mais problemático, normalmente, é uma mulher que não tem estudo, que não sabe falar formalmente, que mora na favela, que ou é totalmente dependente de seu marido ou trabalha em cargos que não são de destaque perante à sociedade (doméstica: limpando a casa de brancos; babá: cuidando dos filhos dos brancos; serviços gerais: trabalhando para brancos etc.). Em relação ao estereótipo de empregabilidade da mulher negra e da mulher branca, vivida na sociedade e repassada para a literatura, bell hooks² (1981, p.106) explica que:

Em toda a história da mulher como trabalhadora paga, as mulheres brancas trabalhadoras têm sido capazes de entrar na força de trabalho mais tarde que as mulheres negras e apesar de tudo avançaram a um ritmo mais rápido. Ainda que a todas as mulheres foi negado o acesso a muitos trabalhos devido à discriminação sexista, o racismo assegurou que o destino das mulheres brancas fosse sempre melhor do que o das mulheres negras trabalhadoras.

Consoante a esse estereótipo atribuído à mulher negra na literatura, Conceição Evaristo (2009, p. 23) afirma perceber “que a personagem feminina negra não aparece como musa, heroína romântica ou mãe. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra, não lhe conferindo nenhum papel no qual ela se afirme como centro de uma descendência”. Além disso, a escritora ainda ressalta que a literatura ao compor a personagem negra atribui uma “meia linguagem”, onde a fala é estranha e a mulher é incapaz de aprender uma linguagem mais formal, ou seja, “o idioma do branco”.

Nesse contexto, ao ler os textos da escritora, poeta e ensaísta, Miriam Alves, em específico os livros de contos a serem analisados: *Mulher Mat(r)iz* (2011) e *Juntar Pedacos* (2020), vemos que o retrato da violência, em especial, a denúncia à violência contra a mulher negra, a desigualdade social, a desigualdade de gênero, o feminicídio e outras problemáticas sociais que os textos trazem à tona continuam presentes, contudo, notamos que há uma diferença na construção que a autora dá aos seus personagens e ao enredo, que a afasta dos autores hegemônicos que retratam mulheres negras em suas obras, como nos apontou Evaristo (2009).

² A intelectual em questão prefere que seus livros sejam reconhecidos pelos seus ideais e não por quem ela é. Por este motivo, bell hooks escreve seu nome desta forma: somente com letras minúsculas.

É perceptível que a autora traz o seu lugar de pertencimento ao construir suas narrativas, logo, é a voz de uma mulher-escritora negra que fala, uma fala que tensiona a representação da mulher negra propagada pela literatura canônica. Esse novo olhar que Miriam Alves traz para as personagens negras parte de um processo de desconstruir a representação estereotipada da mulher negra que integra o arquivo da literatura hegemônica. Segundo o pesquisador Eduardo de Assis Duarte (2009):

De Gregório de Matos Guerra a Jorge Amado e Guimarães Rosa, a personagem feminina oriunda da diáspora africana no Brasil tem lugar garantido, em especial, no que toca à representação estereotipada que une sensualidade e desrepressão. “Branca para casar, preta para trabalhar e a mulata para fornicar”: assim a doxa patriarcal herdada dos tempos coloniais inscreve a figura da mulher presente no imaginário masculino brasileiro e a repassa à ficção e à poesia de inúmeros autores (DUARTE, 2009, p. 6).

Diferente dessa perspectiva, em *Mulher Mat(r)iz* (2011), Miriam Alves, cuidadosamente, constrói um contexto de independência feminina. As personagens são representadas como mulheres fortes, que trabalham, que são livres de paradigmas sociais, que saboreiam a liberdade de ser independente, mas que mesmo assim são violentadas, como poderá ser visto na análise do conto “Alice está morta”. As personagens de Miriam Alves, como bem pontua Augel (2011), não são “coitadinhas”, “a miséria, a pobreza e a indigência em meio às quais milhões de brasileiros vivem e, dentre eles, uma grande maioria negra —, não fazem parte do elenco de temas em *Mulher Mat(r)iz*” (AUGEL, 2011, p. 15).

Na obra *Juntar Pedacos* (2020), as personagens não seguem um “padrão”. São mulheres solteiras, casadas, “largadas” pelos maridos, dependentes, independentes, são mulheres que trabalham em casa ou que constroem e gerenciam seus empreendimentos. São mulheres de diferentes contextos sociais, de diferentes orientações sexuais e, muitas delas, adeptas às religiões de matriz africana. Na obra, além da violência contra a mulher, foco da nossa pesquisa — que será analisada posteriormente no conto “Acidente” — outro ponto ganha destaque: a naturalização da relação afetivo-sexual entre duas mulheres: “de maneira cuidadosa, Miriam Alves tece as relações de amor entre mulheres sem estereótipos, estigmas, lugares-comuns” (SILVA, 2020, p. 14).

Em síntese, a escrita de Miriam Alves encena em seus contos desde *Mulher Mat(r)iz* à *Juntar Pedacos*, da poeticidade à perplexidade, diversas formas de construir suas narrativas. Ela quebra o padrão e narra os diversos tipos de violências, desde a simbólica até a física, mas também narra a resistência da mulher, principalmente, da mulher negra. Em seus contos,

Miriam Alves constrói histórias que encenam o amor, o erótico, relações lesboafetivas. Alves constrói personagens femininas que transgridem as regras impostas pelo patriarcado, que reivindicam o direito de escolha e tomam as rédeas de seu próprio destino. São mulheres que enfrentam e confrontam as estruturas sociais da sociedade brasileira: machista, misógina, racista, homofóbica/lesbofóbica e classista. São diferentes contextos narrados com um toque de sensibilidade, mesmo em meio à violência brutal, produzindo uma “feição” que Franciane Conceição da Silva (2018) chama de Ferocidade Poética.

1.2 Miriam Alves: mulher matiz, força motriz

Miriam Alves, nascida no ano de 1952, é natural da cidade de São Paulo e, como relatou à revista literária estadunidense *Callalo* (1995, p. 970-2), iniciou sua vida na escrita com apenas onze anos. Em 1982, a autora publicou seus primeiros textos no volume 5, da antologia *Cadernos Negros*, publicados pelo grupo Quilombhoje. De acordo com Augel (2007), a produção coletiva de *Cadernos Negros* originou um espaço de fala para a produção e publicação de escritores/as negros/as, que, sem acesso a editora ou por falta de meios próprios puderam encontrar um lugar possível de se “fazerem divulgados”.

Em depoimento recente, ao falar sobre as suas primeiras publicações nos *Cadernos Negros*, Miriam Alves revelou um dos propósitos dessa importante coletânea:

o interesse em refletir sobre o ofício e a arte da escrita, sobre o que significava ser escritor-escritora negro-negra num contexto social de exclusão explícito e implícito na sociedade brasileira, oriunda do regime das oligarquias escravocratas, cuja produção literária, em maior ou menor medida, refletia e reflete nos textos ficcionais uma visão reducionista, estereotipada e racista do cidadão-cidadã negro-negra brasileiro-brasileira (ALVES, 2020, p. 232).

Segundo Silva (2018), Miriam publica contos e poemas nos *Cadernos Negros* de 1982 até os dias atuais. Além disso, é válido destacar que a escritora tem uma vasta publicação de textos não só no Brasil, mas também no exterior. Entre suas obras que ganharam destaque a nível nacional e internacional temos: *Momentos de Busca* (1983), *Estrelas nos Dedos* (1985), *Enfim Nós/ Finally Us* (1995), *Mulheres escre-vendo/ Women righting* (2005), *Mulher Mat(r)iz* (2011), *Bará na trilha do vento* (2015), *Maréia* (2019) e *Juntar Pedacos* (2020).

Miriam, como ressalta Augel (2011, p. 11), no prefácio do livro *Mulher Mat(r)iz*, é uma “cidadã-mulher-negra-escritora”, “defensora dos direitos afrodescendentes e da mulher, principalmente da mulher negra”. Em seus textos, ela consegue refletir vivências de mulheres

numa sociedade racista e feminicida. Essa voz feminina e afro-brasileira no meio literário reforça uma denúncia social, desmistificando construtos sociais acerca das perspectivas relacionadas à mulher negra, desmascarando um sistema e uma sociedade que violenta mulheres todos os dias. Conforme a professora e pesquisadora Assunção de Maria Sousa e Silva (2020) no posfácio de Juntar Pedacos,

Os contos de Miriam Alves nos perpassam com verbos gatilhos estrondosos e certos na consciência embranquecida que fixa os condicionamentos femininos em paradigmas segregados. A oferenda poética de Miriam é exuziaca como a nudez da mulher notívaga cruzada por palavras-ventos-tempestades (SOUSA e SILVA, 2020, p. 103).

O percurso literário de Miriam Alves busca trazer uma perspectiva diferente em relação à representação da mulher negra, da valorização de características afro-brasileiras, uma perspectiva diferenciada do que é abordado nos textos literários canônicos. Conforme Evaristo (2009, p. 24), o discurso enunciado nos textos literários de autoria negra brasileira é um “discurso que subverte não só o sistema literário brasileiro, mas também contesta a história brasileira que prima em ignorar eventos relativos à trajetória dos africanos e seus descendentes no Brasil”. O contexto situacional onde essas mulheres matrizes e matizes são colocadas diferem do que se costuma ver na literatura hegemônica, na qual, de acordo com Duarte (2009), a construção da personagem é marcada como:

animal erótico por excelência, desprovida de razão ou sensibilidade mais acuradas, confinada ao império dos sentidos e às artimanhas e trejeitos da sedução. Via de regra desgarrada da família, sem pai nem mãe, e destinada ao prazer isento de compromissos, a mulata construída pela literatura brasileira tem sua configuração marcada pelo signo da mulher fornicaria da tradição europeia, ser noturno e carnal, avatar da meretriz (DUARTE, 2009, p. 6).

Partindo desse pressuposto, feita a apresentação da autora Miriam Alves, traremos uma apresentação geral das duas obras de onde extraímos os contos que serão analisados. Consideramos esse percurso necessário, visto que, a produção literária de Miriam Alves ainda transita por espaços muito restritos e queremos instigar os/as leitores/as desse trabalho a conhecerem mais profundamente as obras dessa importante autora.

Feitas essas considerações, vamos a apresentação de *Mulher Mat(r)iz*. Publicado no ano de 2011, pela Editora Nandyala, *Mulher Mat(r)iz* é um livro de oitenta e sete laudas que reúne onze contos, escritos e publicados em diferentes momentos da carreira de Miriam Alves, a maioria dos contos desta obra, em um primeiro momento, foi publicado nos *Cadernos Negros*.

Nesta coletânea, além das múltiplas manifestações de violências contra as personagens femininas negras, Alves nos apresenta um leque temático diverso, abordando temas como: o empoderamento feminino, as conquistas da mulher, principalmente da mulher negra; as diversas relações afetivas, o amor, a liberdade de escolha dos seus parceiros e/ou parceiras, o erotismo; os conflitos emocionais, o ciúme, a possessividade, a desconfiança, a traição, o autoritarismo do sistema; a truculência dos agentes dos Estado e a inaptidão desse mesmo Estado de proteger as populações mais vulneráveis. Por meio dessa diversidade temática, a autora denuncia a discriminação racial, de gênero e a lesbofobia, além de outros marcadores de opressão.

Outro ponto que vale ser destacado e que se faz presente na obra é a questão da ascensão social. As protagonistas dos contos “Abajur”, “Minha flor, minha paixão”, “Cinco cartas para Rael”, “Retorno de Tatiana” e “Os olhos verdes de Esmeralda”, nos revelam os seus bons empregos, bons salários e uma vida financeiramente e socialmente estável. Em *Mulher Mat(r)iz*, podemos ver o transitar de inúmeras mulheres negras que ocupam cargos e funções fora dos estereótipos da “mãe preta”, “trabalhadora doméstica” e outros espaços de subserviência relegados às mulheres negras nos clássicos da literatura hegemônica. Essas personagens que possuem carro e casa própria adentram espaços que, mesmo no mundo da ficção, só eram ocupados por pessoas brancas.

Além disso, de forma implícita, a coletânea aborda a questão racial/étnica. A pigmentação da pele desses personagens surge naturalmente, a partir de características relacionadas à sua aparência física. Na maioria dos contos, Miriam Alves enaltece a beleza matiz e suas matrizes, apresentando vários tons da pele negra. Consoante a esse pensamento, Augel (2011) afirma que:

A pigmentação da pele das personagens não avança para o meio da cena como um recurso ou arma, é óbvia e implícita, registrada sutilmente numa meia frase, numa alusão aparentemente casual, quando informações sobre a aparência física das personagens são transmitidas através de uma escala cromática que apresenta muitos tons, indo do negro acobreado de Nadir ao âmbar amainado de Jorge; ou em Alice, cujo semblante se assemelhava ao negror enluarado da noite (AUGEL, 2011, p. 13).

Quando essas mulheres negras de diferentes matizes são violentadas, percebemos a manifestação perversa do racismo intrínseco ao sistema patriarcal e à sociedade brasileira. No tópico que analisaremos posteriormente de maneira mais minuciosa, destaca-se as várias facetas de violência contra as personagens apresentadas nesta coletânea. Ao longo das narrativas, o/a leitor/a recebe as pistas de que algo pode acontecer, no entanto, por todo o contexto criado, é

uma surpresa quando os desfechos de alguns contos se dão de maneira tão violenta. Nesse cenário, observa-se que existe uma feição literária diferenciada nos contos de Alves. A beleza em descrever as suas personagens e a delicadeza em narrar cenas extremamente violentas culminam em uma “Ferocidade Poética”, estratégia narrativa que segundo a pesquisadora Franciane Conceição da Silva, encanta o/a leitor/a, ao mesmo tempo em que o/a surpreende. De acordo com a concepção de Silva (2018, p. 164) o “lirismo intensifica o efeito do ato violento, ao mesmo tempo em que traz uma carga de ternura para aquilo que é encenado, acentuando a nossa sensibilidade, nos impelindo a refletir, de alguma forma, sobre as situações ficcionalizadas”.

Como exemplo dessa feição literária, mencionada por Silva, destaca-se o conto “Os olhos verdes de Esmeralda”. Na narrativa em questão, vislumbramos essa Ferocidade Poética. “Os olhos verdes de Esmeralda” é uma das narrativas mais impactantes do livro. O conto narra a ternura do amor entre duas mulheres completamente apaixonadas, que apreciam o companheirismo uma da outra e que ao voltarem para casa de carro, depois de ficar horas em uma festa reprimindo o desejo de demonstrarem publicamente os seus afetos, são abordadas bruscamente por um policial branco-lesbofóbico-racista. Toda a criação harmônica do amor e do desejo que tomava por inteiro o corpo das duas mulheres apaixonadas é interrompido de maneira brutal pelo policial, que violenta as duas personagens: verbalmente, psicologicamente, fisicamente e sexualmente.

Outra narrativa que traz esse lirismo e rompe com a sequência de enredos voltados para personagens femininas em processo de ascensão social, mas que não foge da temática violenta contra pessoas negras é o último conto do livro: “Brincadeira”. O texto possui apenas duas páginas que conseguem impactar o/a leitor/a, ao descrever o ato violento dos agressores e a reação da vítima. A história traz a situação de pobreza a qual o menino Joãozinho, apelidado carinhosamente por Zinho, está inserido. O enredo retrata as dificuldades e as violências enfrentadas por uma criança preta, pobre e periférica. Contudo, a narrativa não enfoca na pobreza em si, mas no amor dos pais de Zinho que fazem de tudo para propiciar ao filho a felicidade de ir pra escola com materiais escolares novos. O racismo interrompe o sonho do menino que, ao ser ofendido pelos colegas brancos que jogam seu material novinho na lama, sujando os sonhos de Joãozinho e de seus pais, provoca no menino uma reação violenta contra seus agressores. A cena da reação do personagem é construída com sensibilidade e maestria por Miriam Alves que consegue alcançar a dor de uma criança, vítima de racismo, ao ver os seus sonhos perdidos pelo caminho.

Em síntese, podemos afirmar que os textos abordados na coletânea *Mulher Mat(r)iz* configura-se como uma prosa-poética com linguagem fluida e acessível, fazendo com que o/a leitor/a reflita sobre os aspectos raciais e sociais abordados de forma explícita ou implícita nas histórias narradas. *Mulher Mat(r)iz* é uma obra que coloca mulheres negras como protagonistas, mulheres que ecoam suas vozes, exigindo uma escuta atenta e comprometida. As personagens de Miriam Alves ecoam vozes de denúncia e resistência. Mostraremos, assim, o processo de reverberação dessas vozes nas análises que faremos a seguir. Iniciaremos a discussão com o conto “Alice está morte”, buscando compreender como a Ferocidade Poética (SILVA, 2018) intensifica o efeito da encenação da violência causando um forte impacto nos/nas leitores/as.

CAPÍTULO II

2.1 De silêncios que gritam: análise do conto “Alice está morta”

O conto “Alice está morta”, de Miriam Alves, publicado no livro *Mulher Mat(r)iz*, em 2011, narra a história da personagem Alice e de um homem que não é nomeado, os dois convivem no mesmo “quintal de cômodos”. O quintal entrelaça a vida dos vizinhos que passa a ser um casal. No decorrer da história, podemos observar fragmentos que indicam a possessividade do homem sobre o corpo e a vida de Alice. Esse instinto dominador masculino vai sendo fomentado durante o desenvolvimento do enredo e, com isso, a não aceitação da liberdade e independência da mulher culmina em atos de extrema violência.

O conto segue um tempo não-linear. A primeira cena do texto faz referência ao desfecho. No decorrer do conto, o narrador vai apontando às múltiplas violências as quais a personagem é submetida, desde a simbólica, que é muitas vezes imperceptível para a vítima/sociedade, à física, que assim como a simbólica pode trazer consequências trágicas para as vítimas.

O texto possui uma linguagem poética e marcante. A história é contada em primeira pessoa, partindo da perspectiva do personagem masculino. Na fala do narrador, podemos observar um discurso tendencioso na tentativa de justificar as violências que ele pratica contra a personagem Alice, logo, tudo o que sabemos sobre os acontecimentos e sobre a personalidade de Alice parte da visão do agressor.

É interessante percebermos que o narrador-personagem não é identificado e nem possui um adjetivo que o qualifique. O personagem é apresentado apenas pelas suas atitudes agressivas e manipuladoras. Enquanto isso, a personagem feminina possui um nome que a caracteriza e lhe dá um lugar social. Alice, nome cujo significado remete a alguém de “qualidade nobre”, reflete atributos de excelência em suas ações.

Talvez, esse artifício de ocultar o nome do agressor em contraposição ao nome da vítima, seja uma estratégia narrativa para dar ênfase ao sofrimento da mulher violentada. Além disso, pode-se inferir o fato de ser uma problemática consistente na sociedade atual, onde a ficção espelha a realidade de muitas relações abusivas, retratando o instinto dominador e violento de muitos homens que ceifam a trajetória de diversas mulheres todos os dias.

Como falado anteriormente, as violências apresentadas na narrativa partem de um lugar de dominação. O agressor, em seu relato, mesmo tentando inibir, amenizar ou, até mesmo, justificar seus atos de violência, deixa visível a sua obsessão por Alice e nos mostra que sua

rotina era observá-la, além de sentir prazer em vê-la em momentos de fragilidade, como podemos ver no trecho a seguir:

Descia a ladeira. Alice, nos meus braços, resmungava. Parecia um bebê de tão leve, comparada ao meu tamanho. Já a havia carregado em outras oportunidades, mas, nesta madrugada, ela estava muito leve. Dava-me a impressão de que iria evaporar a qualquer momento. Dizia frases desconexas, incompreensíveis, entrecortadas com o refrão: outra vez, não. “Outra vez, não”. Disco arranhado é o que fazia lembrar. Disco arranhado. “Outra vez, não. Outra vez, não” (ALVES, 2011, p. 37).

Essa vigilância obsessiva é reforçada em outros momentos da narrativa, quando o próprio homem confessa que sempre “observava-a antes de oferecer ajuda”, que ele a “espreitava” e que “era engraçado vê-la cambaleante sem rumo, andando de lá pra cá no espaço comum do quintal” (ALVES, 2011, p. 37). Esse método repetitivo de controlar e vigiar os passos da mulher, esperando seu momento de fragilidade para colocar em prática seus desejos de dominar o corpo vulnerável é o reflexo da hierarquia androcrista, que reforça essa ideia de controle sobre as ações femininas.

Segundo Saffioti (2011, p. 104), “as relações hierárquicas entre os homens, assim como a solidariedade entre eles existente, capacitam a categoria constituída por homens a estabelecer e a manter o controle sobre as mulheres”. Em consonância a esse pensamento de Saffioti, podemos trazer a afirmação do sociólogo Bourdieu (2012, p. 20), que também reflete a respeito desse sistema hierárquico:

Dado o fato de que é o princípio de visão social que constrói a diferença anatômica e que é esta diferença socialmente construída que se torna o fundamento e a caução aparentemente natural da visão social que a alicerça, caímos em uma relação circular que encerra o pensamento na evidência de relações de dominação inscritas ao mesmo tempo na objetividade, sob forma de divisões objetivas, e na subjetividade, sob forma de esquemas cognitivos que, organizados segundo essas divisões, organizam a percepção das divisões objetivas.

Outro aspecto do conto de Miriam Alves que está intrinsecamente ligado a essa divisão anatômica, mencionada por Bourdieu (2012), que estabelece quem é o dominador e quem seria o dominado, é o fato da súplica de Alice não ser atendida pelo agressor. Ao ser carregada, ela repete diversas vezes a fala “outra vez, não. Outra vez, não” (ALVES, 2011, p. 37), o que nos leva a desconfiar que não é a primeira vez que isso ocorre e nos mostra o desconforto da mulher em estar em tal situação. Por outro lado, vemos como o homem reage à súplica de Alice, a ironia ao dizer “disco arranhado é o que fazia lembrar. Disco arranhado”, confirma, mais uma vez, o prazer que o homem sentia de possuir Alice como um objeto. Esse comportamento do

personagem evidencia o aspecto de uma violência subjetiva e invisível para a sociedade e, até mesmo, por vezes, para a vítima: a violência simbólica. De acordo com o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2012, p. 47):

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto.

Essa realidade é perceptível no texto. O conto nos mostra que, embora Alice fosse uma mulher independente, não conseguia identificar os atos simbólicos das violências sofridas. As pistas de tais comportamentos eram imperceptíveis para a mulher que cada vez mais ia se envolvendo na relação, se afundando como numa areia movediça. A relação de Alice e do vizinho vai tornando-se cada vez mais íntima, até que ambos decidem morar juntos. O nível da violência subjetiva praticada contra a personagem torna-se maior quando ela vai viver com o agressor. Em sua rotina monótona, o homem confessa que “precisava de alguém para derrubar todo o afeto e carência contidos. Alice era o meu par perfeito. Não exigia nada” (ALVES, 2011, p. 38). A falocracia nesse trecho exala um tipo de sentimento que revela, de forma direta ou indireta, o lado dominador do homem e sua obsessão pela mulher.

Outro ponto a ser evidenciado é o fato de Alice não exigir nada. A princípio, pode significar o domínio do personagem-narrador que tudo recebe, mas nada dá, como também podemos inferir que Alice não espera retorno desse homem e nem do próprio relacionamento. Ela não criava expectativas, vivia o momento e nada exigia. Esse ato mostra uma certa independência afetiva por parte de Alice, podendo ser um tipo de gatilho que acionava a raiva do personagem masculino, o qual desejava ver a mulher totalmente entregue e dominada.

Nesse contexto, observamos que mesmo que pareça aprisionada na relação, segundo o ponto de vista do narrador, notamos uma certa autonomia em Alice que “nada exigia” do homem cheio de carências. Essa liberdade despertava a ira do agressor que, ao tentar mantê-la dominada, percebia essa independência da mulher, de algum modo, o impedia de praticar sua força-potência-dominante, fomentando a sua obsessão. O homem vigiava cada passo de Alice, mas ela continuava livre, com suas crenças e esperanças. Trabalhava. Saía. Bebia. Cambaleava.

Caia. Carregada pelo homem: resmungava. Ele a acompanhava. Carregava-a. Dominava-a. “Ninava-a como se fosse uma boneca negra de pano” (ALVES, 2011, p. 37).

A partir da observação dessa relação complexa entre o casal do conto em estudo, podemos notar que, como bem ressalta Saffioti (2011, p. 87), “seguramente, o gênero feminino não constitui uma categoria social dominante. Independência é diferente de autonomia. As pessoas, sobretudo vinculadas por laços afetivos, dependem umas das outras. Não há, pois, para ninguém, total independência”.

Em decorrência disso, na gradação da convivência monótona, o homem percebe que Alice é o seu ponto de fragilidade. É ela que, embora não o domine diretamente, mexe com o seu ego dominante: um vínculo afetivo não recíproco. Em certo momento do conto, no qual o narrador carrega a mulher em seus braços depois de curtirem uma festa, que, mais uma vez, deixou-a embriagada, ele confessa o seu desconforto, afirmando: “Odiei Alice. Realidade insuportável. Eu olhava a rua deserta. Vagavam absurdos nos meus pensamentos. Alice flutuava em meus braços. De repente, entendi: Eu amava Alice. Eu a amava. Monótono e cotidiano. Amava-a.” (ALVES, 2011, p. 39).

Bourdieu (2012) fala que na aceitação de signos exteriores de um lugar dominador, certos princípios exigem que o homem, para a sua própria dignidade, ocupe a posição dominadora do casal. Em consonância com esse pensamento, Saffioti (2011, p. 75) afirma que “a organização social de gênero, baseada na virilidade como força-potência-dominação, permite prever que há um desencontro amoroso marcado entre homens e mulheres”. Logo, quando esse paradoxo é rompido na relação entre Alice e o homem, a antítese entre o sentimento de amor e ódio fomenta o desejo de exterminá-la. Ele a odeia por amá-la e isso fere o seu egocentrismo, a sua posição de “macho alfa”.

No decorrer da narrativa, em meio ao devaneio, enquanto o homem carrega o corpo frágil e quase inconsciente de Alice, ele começa a relembrar os momentos que passou ao lado da mulher, revelando um dos momentos em que se sentiu dominado simbolicamente pela sua companheira. Esse momento é descrito como um ritual de estímulo do falo, que progride para um momento de prazer sexual, advindo de um processo subjetivo de dominação-submissão, como podemos ver no trecho a seguir:

Forcei as lembranças. Revivi o jeito gracioso como ela tirava os seus anéis, um de cada vez, antes de se entregar sôfrega a mim. Eram três os seus anéis. Ritual constante antes que nossos corpos se entregassem ao prazer. Tirava-os um a um. Depositava-os na cabeceira da cama. Graciosidade única. Amei-a ao perceber este gesto. Quando o langor nos dominava, eu esperava este ato: anéis tirados um a um, ritual cotidiano, sensual. Tão sensual que, certa ocasião, sem tocá-la, pedi que os tirasse e os colocasse

muitas vezes. Ela, cansada, sem entusiasmo, começou a rir. Rir, os dentes claros iluminando a suavidade de seu rosto redondo. Riu. Riu. Gozei sem tocá-la. (ALVES, 2011, p. 39).

Repetição e jogo de sensualidade. Esse ritual de colocar e tirar os anéis enfatiza a autonomia de Alice dentro do relacionamento. Por um momento, o personagem encontra-se dominado e entregue à sensualidade dessa mulher. Alice seduz e, aparentemente, possui o controle de suas ações. Fazer com que a mulher colocasse e tirasse os anéis reflete o gozo de uma relação intrínseca de submissão. O homem, nesse momento, submisso, goza sem nem ao menos tocá-la. Conforme Bourdieu (2012, p. 20):

O corpo e seus movimentos, matrizes de universais que estão submetidos a um trabalho de construção social, não são nem completamente determinados em sua significação, sobretudo sexual, nem totalmente indeterminados, de modo que o simbolismo que lhes é atribuído é, ao mesmo tempo, convencional e "motivado", e assim percebido como quase natural.

Esse ato exposto pelo homem é o que alimenta esse relacionamento conturbado do casal, tendo em vista que, mesmo não tendo a voz de Alice presente no conto, podemos perceber que os atos descritos apresentam uma mulher livre e independente, o que incomoda o personagem. É justamente um momento de desconstrução do que Bourdieu (2012) nos apresenta no trecho anterior. O corpo e os movimentos mat(r)izes de Alice, nessa ação, não estão submetidos, pelo contrário, ela domina aquele que se impõe na posição de dominador — o homem.

No decurso da história, durante o trajeto para casa e em meio à confusão de sentimentos perturbadores para tentar balancear o amor e o ódio que ele sentira por Alice, o narrador lembra de uma ribanceira usada como lixão de desova de corpos. Aproxima-se e sente Alice se mexer, resmungar e choramingar. Em seguida, “começou a esmurrar-me. Exigia suas alegrias de volta. Arranhou-me o rosto na altura da barba recém escanhoadada. Doeu. Doeu mais não ter o que ela pedia. Não havia nem para mim” (ALVES, 2011, p. 40).

O narrador passa então a relatar as ações de Alice, como um último gesto de súplica por sua vida. A personagem, que teve a fala interdita durante toda a narrativa, agora, reage arranhando o rosto daquele que ceifaria a sua vida. Na repetição vaidosa em anunciar sua barba sendo feita, o homem descreve não só a retirada de pelos que o incomodava, mas também a retirada da vida da mulher que o incomodava, pois assim como os pelos da barba que ele não podia impedir o crescimento, Alice também era incontrollável. Por mais que ele tentasse, não conseguia dominá-la completamente. Tal qual o pelo da barba, Alice crescia e incomodava profundamente o narrador. Nesse processo de memórias, o homem vai sendo dominado

por um ódio insano contra a mulher que dizia amar. “Alice agora gritava. Solucei com ela. Eu a ergui ao céu. Depois, para o fim da rua, ofereci a Exu, a sacudi para a direita e para a esquerda do meu corpo. Saudei Omulu. Entre soluços, atirei-a ribanceira abaixo. Era segunda-feira. Ela se calou” (ALVES, 2011, p. 40).

As pausas realizadas nessa descrição nos fazem sentir a cena e a aflição de Alice. Como alimento sendo oferecido a um Orixá, o homem a entrega a Exu. Posteriormente, saúda Omulu, orixá da doença e da cura. Depois, ele a joga ribanceira abaixo e escuta o silêncio ensurdecedor que ceifa a vida da mulher no lixão de desova. Sem tempo de defesa, Alice perde a batalha sem ter o direito de lutar. Agora, Alice estava morta. A personagem fora derrotada de forma covarde no confronto com o macho que tentou, sem sucesso, dominá-la.

Aparentemente, o personagem-narrador, assassino-feminicida, não suportando a angústia de se sentir derrotado no seu processo de dominação, pois já não conseguia conter a mulher que a todo custo tentou controlar, mata-a, de forma brutal e impiedosa. Esse gesto talvez tenha sido uma tentativa do homem na sua masculinidade frágil tentar eliminar seus sentimentos conturbados em relação à mulher que vivia a sua vida livremente e nada exigia dele. De algum modo, o conto encena uma disputa de poder criada na afetividade que é convertida e exteriorizada na violência física e no feminicídio. De fato, como bem pontua Saffioti (2011, p. 121) — ao falar sobre como os homens convertem o ato de dominar em agressão— “não se trata de uns serem melhores que outros, mas de disputa pelo poder, que comporta, necessariamente, controle e medo”.

Em síntese, concluímos que a narrativa de Miriam Alves apresentada nessa análise nos mostra alguns mecanismos de manifestação da violência simbólica em um relacionamento e como, facilmente, essa violência pode progredir para a violência física e, até mesmo, a morte. O casal aqui apresentado, nos mostra e nos alerta para os diversos tipos de relações, inclusive de amizades, que se tornam abusivas e que podem culminar em um feminicídio.

Um elemento que nos chama a atenção e que vale a pena pontuar antes da conclusão da análise é o silenciamento da voz de Alice. Toda a história é narrada pelo agressor, que, propositalmente, só apresenta a fala dessa mulher, quando ela resmunga, choraminga ou fala frases desconexas. Esse elemento do conto é um retrato da conjuntura social da sociedade patriarcal e androcêntrica que, muitas vezes, inibem o relato da violência sofrida pela vítima com a prerrogativa de que é o papel da mulher aceitar esses atos e tentar edificar sua casa ou o seu relacionamento, assumindo, frequentemente, uma posição submissa de amiga-esposa-mãe, refletindo a realidade de muitas “Alices”, de muitas mulheres. No tópico a seguir, daremos

continuidade a nossa análise, investigando como se manifesta a Ferocidade Poética na encenação do conto “Alice está morta”.

2.2 Cigarros de crença, porres de esperança: traços de Ferocidade Poética

“Ela resmungava e choramingava. Queria vida. Será que ela sabia o que isso significava? Madrugada de asfalto vazio. Os resmungos levados aos céus ressoavam no nada. Eu a carregava. Pensava em nós.” (Miriam Alves)

Estratégias narrativas, geralmente, conseguem, de forma direta ou indireta, afetar o/a leitor/a e/ou o modo como a leitura é guiada. No conto analisado anteriormente, percebemos um tipo de poeticidade e afetividade envoltas na narração das múltiplas violências que Alice sofrera, trazendo para o/a leitor/a uma aproximação com a vítima, que, embora silenciada durante quase toda a história, tende a perpassar seu sofrimento nos ‘murmúrios’ e nas frases “desconexas” que seu agressor relata.

Alice era uma mulher negra que trabalhava, era independente e gostava de aproveitar seus momentos sozinha e com os amigos, bebendo e fumando. Era perceptível o amor que ela tinha pela vida e pela sua própria liberdade. O próprio homem enxergava essas características e a descreve com bastante poeticidade. “Alice gostava de tomar grandes porres de esperanças e fumava grandes cigarros de crenças” (ALVES, 2011, p. 37). Metáforas que externavam a força matriz da mulher matiz esperançosa envolvida em suas crenças — atributos que incomodavam o seu agressor.

Partindo desse pressuposto, é possível se fazer uma reflexão sobre como os acontecimentos do conto, de fato, ocorreram, tendo em vista que o narrador a todo tempo tenta manipular seu interlocutor, numa tentativa de justificar o motivo pelo qual cometeu o feminicídio, utilizando um discurso que naturaliza o seu comportamento.

O conto “Alice está morta” nos faz refletir sobre a problemática da naturalização da violência contra a mulher. A voz política da autora se mistura ao enredo em um emaranhado de denúncias. No conto “Alice está morte”, Miriam Alves denuncia a covardia masculina, denuncia a violência contra a mulher e, acima de tudo, denuncia o feminicídio. Ao fazer essa denúncia através da arte literária, acreditamos que a autora queira sensibilizar o/a leitor/a e nos despertar para a gravidade da violência contra a mulher e às muitas engrenagens que sustentam e legitimam essa prática. De acordo com Silva (2018),

Acreditamos que ao narrarem histórias marcadas por violências, histórias de vida e morte, histórias de grupos ignorados, abandonados à própria sorte, histórias em que a dor e o sofrimento são personagens onipresentes, as escritoras africanas e afro-brasileiras buscam provocar uma reflexão necessária para tirar a violência de um lugar de naturalização (SILVA, 2018, p. 176).

Tal perspectiva pode ser facilmente observada na narrativa de Miriam. A linguagem, as metáforas e as ironias, utilizadas com maestria para descrever as cenas de violência, da simbólica à física, atingem o/a leitor/a de maneira impactante. Esse fenômeno é capaz de intensificar o efeito da cena violenta e, ao mesmo tempo, envolver o/a leitor/a na narrativa, acentuando sua sensibilidade para o ato e fazendo-o refletir sobre o que está sendo encenado (SILVA, 2018). Podemos, assim, dizer que a Ferocidade Poética — que é fúria e ternura na mesma intensidade — se faz presente no conto “Alice está morta”.

Para entendermos melhor esse conceito, Silva (2018, p.169) explica que, “a prosa da Ferocidade Poética construída com uma sensibilidade aguçada nos atinge com a força de um verso. Não um verso qualquer. Mas versos recitados em coro por vozes que enunciam experiências vividas. Experiências escritas”.

O efeito da Ferocidade Poética nos ajuda a enxergar a violência nas entrelinhas do discurso do agressor, como podemos ver no trecho a seguir:

Eu a espreitava. Era ritual de dependência. Às vezes, ela escorregava. No chão, exalava um odor estranho, misturado de esperanças pisadas e crenças desmentidas. Nesse instante, era minha hora de entrar em ação. Pegava-a com carinho. Ninava-a como se fosse uma boneca negra de pano (ALVES, 2011, p. 37).

No trecho, podemos perceber que o narrador confessa sua obsessão por Alice, mas também nos revela algo que nos indica ser o início de uma violência física disfarçada pelas metáforas. Alice no chão, em uma posição inferior ao homem, exala um odor estranho, suas esperanças e crenças, que antes lhe eram atribuídas com admiração, agora estão pisadas e desmentidas.

Ao ler esse trecho pela primeira vez, pode-se deixar passar despercebido o detalhe de que é o agressor que está narrando os fatos com belas metáforas para persuadir o interlocutor a não observar a violência presente no trecho. No entanto, ao analisarmos mais a fundo, vemos como o personagem também tenta persuadir Alice. No primeiro momento, ele a pisa e a desmente, posteriormente, coloca-a em seus braços e nina-a como se fosse uma boneca negra de pano. De fato, Alice é tratada como uma boneca de pano nas mãos de seu algoz.

Percebemos que o conto de Miriam Alves está envolto na estratégia narrativa da Ferocidade Poética, discutida por Silva (2018, p. 164), pois, ao construir as cenas de violência no conto “Alice está morta”, Alves “constrói uma linguagem ‘bonita dentro de algo que é considerado feio’”. Em outro momento do conto, Alves encena a violência da relação entre o casal com metáforas que, ao mesmo tempo que poderia amenizar o efeito da violência praticada pelo narrador contra a personagem feminina, de algum modo, intensifica o efeito dessa ação sobre nós, leitoras e leitores, como veremos no trecho do conto que destacamos a seguir:

Crescia entre nós algo sem nome, mas tinha cara de ciúmes. E, noutras oportunidades, tinha caras de medos. Rotina cotidiana, nada mudava. Somente aquele odor de esperanças privadas, misto de crenças desmentidas, impregnava os tijolos da casa, os meus e seus poros. Lágrimas saíam das torneiras e faziam nascer fungos vermelhos na pia da cozinha e do banheiro. No começo, os fungos me irritavam. Depois, achei serem eles os responsáveis pela exacerbação do odor. Não os removi porque precisava culpar alguém ou alguma coisa. Quanto mais odor, mais e mais o vermelho tomava conta, quarto, cozinha... Tudo. (ALVES, 2011, p. 38)

A beleza e a ternura em narrar uma cena de extrema violência é uma estratégia utilizada com bastante sensibilidade pela autora do conto, ao ficcionalizar uma realidade bastante banalizada no cotidiano da vida real. O narrador menciona que, ao longo da relação, dois tipos de sentimentos surgiram: ciúmes e medo. Investigando atenciosamente esse trecho, vemos que há um conflito entre o casal, o personagem-narrador descreve com uma linguagem marcada por muitos símbolos o sofrimento da personagem silenciada e agredida. O choro intenso de Alice junto à pia, tendo suas lágrimas comparadas às águas que escorrem da torneira. O sofrimento da mulher e suas marcas de sangue impregnadas nas paredes dos cômodos sendo fomentados de forma gradativa, como fungos vermelhos: a ironia em falar dos líquens — indicativos de que o ambiente possui um ar puro.

Outro ponto que vale ser destacado é a cena mais brutal apresentada no conto: o feminicídio. O apelo da mulher que anseia pela vida nos seus minutos finais: “Alice resmungou, choramingou. Queria esperanças. As esperanças nossas há muito deveriam estar soterradas sob aquele monturo de lixo. Eu não tinha o que lhe dar”. (ALVES, 2011, p. 40). O próprio homem reconhece o fracasso de seu relacionamento com Alice e sempre fala das esperanças dela, mas, dessa vez, também ligadas à relação do casal.

Alice morre muito antes de morrer. Alice vai morrendo no decorrer de uma relação tóxica que mata, antes de sua vida, seus sonhos, sua liberdade e que priva suas crenças e esperanças. É justamente essa violência invisível, subjetiva e, como nos aponta Bourdieu (2012), simbólica, que escancara as múltiplas formas de morte da personagem. De fato, a única

coisa que o agressor poderia dar para Alice seria devolver a sua liberdade, deixá-la viver sem ele. Incapaz de atender ao pedido de Alice. Movido pelo ódio que sentia por ela, o homem atira-a ribanceira abaixo, ceifando a vida da mulher que tanto amava viver.

Levando essa construção narrativa em consideração, analiso a estratégia de Miriam Alves ao utilizar essa linguagem poética para aumentar o impacto dos episódios violentos. Essa beleza em escrever e inscrever a violência sem banalizá-la, desperta a empatia do leitor (SILVA, 2018). De fato, observamos, como bem pontua Silva (2018, p. 11), que “a encenação de uma “realidade dura”, elaborada com beleza impactante, expressa os conflitos de uma ordem social perversa com recursos que consigam aguçar a sensibilidade do/da leitor/a-espectador/a”.

Diante do exposto, podemos dizer que “Alice está morta” é um reflexo cruel da vida real, essa realidade apresentada no conto está, segundo Silva (2019, p. 5), “às vezes, muito mais próxima a nós do que poderíamos e/ou gostaríamos de imaginar. E mesmo acostumadas a assistirmos/ermos notícias em mídias sensacionalistas, que vendem tragédias como mercadorias, ficamos impactadas com as mortes encenadas”. Assim, podemos dizer que Miriam Alves constrói uma narrativa sensível e esteticamente elaborada, que denuncia a violência contra a mulher, no intuito de afetar o/a leitor/a de tal modo que o/a mova à ação (Silva, 2018).

CAPÍTULO III

3.1 *Juntar Pedacos*: um levante negro-feminino

Não é comum vermos, tanto na ficção como na vida real, mulheres que conseguem reagir às múltiplas violências que lhes são acometidas. *Juntar Pedacos*, de Miriam Alves, publicado em 2020, traz esse diferencial. As histórias narradas nesse livro nos deixam em estado de perplexidade com tamanha violência e, ao mesmo tempo, nos conforta ao ver a reviravolta das personagens e as diversas formas como elas conseguem sair de tais situações.

O sentimento de impunidade que nos acomete na maioria dos contos de *Mulher Mat(r)iz* (2011) não se faz presente em *Juntar Pedacos* (2020). Agora, as mulheres reagem! Muitas vezes, da mesma forma que seus agressores. Aqui, a força-potência-dominante não reverbera, não é contínua, ela é pisada e desmentida, como fora as esperanças e crenças de Alice, no conto “Alice está morta”.

Juntar Pedacos apresenta mulheres que se reconstroem e ressurgem das cinzas para mostrar sua força-potência matiz-matriz. Não é só denúncia: é ação e justiça, desde uma simples música cantada erroneamente de maneira proposital para provocar o marido, que ignorava seus apelos, à morte sangrenta do agressor.

A coletânea é composta por trinta e uma narrativas apresentadas nas cento e dez laudas que a compõe, subdividas em três partes: a primeira sendo composta por sete cenas com sete protagonistas que nos ensinam a transgredir, a saber juntar pedaços e resistir. Sete narrativas que iniciam o sétimo livro da escritora. Segundo Miriam “sete é um número importante pelo significado, que lembra a seriedade em manter o foco nas metas, dominar as situações adversas, seguir em frente sem desviar para alcançar os objetivos” (ALVES, 2020, p. 99-100). Na segunda parte do livro, temos dezoito histórias diferentes, fazendo-nos refletir sobre diferentes aspectos: a violência contra a mulher, o amor em suas diversas formas, as relações afetivo-sexuais, religião, episódios de racismo cotidiano, as reações ativas e passivas, a valorização das raízes africanas, a velhice etc. Por fim, os cinco contos que encerram o livro mostram-nos as problemáticas, fomentadas pelo racismo e pelo machismo estrutural presentes na nossa sociedade, existentes no cotidiano da mulher negra.

O primeiro conto do livro, “Corpo pelado”, denuncia as violências da hiperssexualização e dos preconceitos da sociedade acerca do corpo negro feminino. Mas, também, leva-nos a refletir sobre a representatividade desse corpo-fêmea, “nas verdades ocultas ou expostas que o corpo pelado representa” (ALVES, 2020, p. 18).

Também veremos essa perspectiva em contos como “Faz frio”, onde a personagem recebe ligação de uma amiga, convidando-a para ir a sua casa e afirma ter um homem “loiro de olhos verdes. Gosta da sua raça. Quem sabe se agrada de você, que é uma negra linda” (ALVES, 2020, p. 30) e “Choveu”, conto que relata uma mulher que ama o prazer de se relacionar com pessoas e se depara com um homem soltando “elogios estúpidos: “Seu corpo é de arrepiar. Nunca transei com uma preta. Tenho curiosidade. Dizem que...” (ALVES, 2020, p. 37).

No conto e em toda a obra, encontramos a exposição do preconceito e a valorização do corpo, da mente, da trajetória e das crenças da mulher afro-brasileira. A delicadeza e competência de Miriam Alves ao encenar essas características nos chama a atenção de imediato. Vemos a voz da escritora, poeta e ensaísta nesses detalhes grandiosos. Além da sensibilidade na representação não estereotipada das mulheres negras. Outro aspecto que vale destacar em *Juntar Pedacos* é o modo como as relações afetivas entre mulheres são encenadas. Na maioria dos contos, essa relação surge depois de um episódio de violência ou depois das personagens terem sido abandonadas por seus companheiros. Essas mulheres se encontram, se acolhem e compartilham suas vivências e todo o processo de juntar pedaços. “Mosaico”, “Troca de casais”, “(Re)encontro”, “Química ou Física”, “Tamborilar”, “Zunzunzum” e “Não se matam cachorros” são alguns dos contos que encenam relações amorosas, saudáveis e restauradoras entre duas mulheres.

Miriam Alves também traz um relacionamento lésbico abusivo, marcado por farpas de ciúmes e obsessão. O conto “Mais um dia. Só mais um dia”, apresenta os conflitos e jogos de controle e possessividade. A personagem, ao fim da narrativa, incomodada com as saídas de sua namorada e o caminho distinto que as duas seguiam gradativamente, planeja a morte de sua companheira.

Ao trazer as relações interpessoais, por vezes, amorosas, Alves, independente da orientação sexual, volta o nosso olhar para o que é abusivo e o que deve ser ou não aceito dentro de um relacionamento. Ela também nos mostra a beleza de um amor que emana paz e cuidado. Das dores e delícias de dois corpos que se encontram, se confortam e se reconstroem — como bem explicita a personagem Jéssica: “Carla me ensinando como juntar pedaços” (ALVES, 2020, p. 22) — refletimos sobre aquilo que nos quebra e, também, naquilo que nos encaixa.

Em *Juntar Pedacos*, a autora nos reapresenta três textos, também publicados em *Mulher Mat(r)iz*: “A Cega e a Negra — Uma fábula” conta a história de Flora, uma mulher cega e branca, e Cecília, uma mulher negra, que se cruzam em uma agência bancária e dialogam, depois de Cecília esbarrar na bengala de Flora e ser cercada pelos seguranças, sobre a

segregação racial. “Minha Flor, Minha Paixão” traz o relato de uma mulher negra traída por seu antigo companheiro, a qual sustentava, amava e respeitava. Por fim, o conto “Um só Gole”, que apresenta uma personagem corroída pelo racismo que sofrera desde criança. O seu desgosto pela vida, a confissão de não suportar mais e o anseio pelo suicídio nos atinge com um sentimento de horror e raiva pela formação da nossa própria conjuntura social.

As violências perpetuadas por causa dessa conjuntura, a qual possui o racismo e a misoginia em sua composição estrutural, fomenta as diversas violências cotidianas contra a mulher afro-brasileira. Em situações do dia a dia, como representados nos cinco contos que finalizam *Juntar Pedacos*, as mulheres se deparam com o machismo, racismo, com a intolerância religiosa, com o apoio ao Golpe militar de 64, que torturou e matou diversas pessoas inocentes.

“Cotidiano” escancara a realidade de uma mulher negra em seu dilema semanal. No domingo, a personagem relata para uma conhecida o preconceito, o racismo e a intolerância referente a sua religião de matriz africana: “quando passo por aqui, vestindo roupa branca, com minhas guias no pescoço, a caminho do meu ilê, já fui abordada, várias vezes. Diziam querer me tirar o capeta” (ALVES, 2020, p. 90). Na terça-feira, no ônibus, escuta que durante a ditadura³ o país era melhor e que os policiais prendiam “quem não trabalhava e era vagabundo”. Na quarta, escuta um homem afirmando, em alto e bom tom, que é injusto um pai pagar pensão para os/as filhos/as e para a ex-mulher. Na quinta, a personagem é impedida de entrar no próprio condomínio em que reside, por um homem branco impedindo a sua passagem. Na sexta, ela é acusada de roubar o celular de uma mulher branca, a qual descobre que o celular estava o tempo todo dentro de sua própria bolsa e não faz o mínimo: se desculpar.

São contextos interacionais em que o discurso misógino-racista-machista-androcêntrico-patriarcal se faz presente, sendo rebatido/enfrentado por essas mulheres, que estão cansadas de lidar com essas situações. A voz e o grito da luta negra-feminina ecoam em todo o livro, como podemos ver na fala da personagem Sebastiana, no conto “Mergulho”:

Agruras temos. Mas temos mais a força de continuar. Desistir não é para nós. Ou caminhamos, ou nos atropelam. Nos meus tempos de juventude, fomos à luta como a época exigia. Vocês têm a época de vocês. Os que vieram antes de mim também lutaram, senão aqui não estaríamos. Somos frágeis e ternos, mas, às vezes, temos que endurecer para não esmorecer. Não deixar que a tristeza nos corrompa, nos elimine. Nossa maior atitude é estar vivo e viver (ALVES, 2020, p. 40).

³ Golpe militar ocasionado em 1964. Esse regime autoritário censurava e perseguia todos/as aqueles/as, que se opunham à ditadura. Durante esse período, muitos artistas tiveram que se refugiar em outros países e muitas vítimas foram torturadas e mortas por não se encaixarem no perfil pré-estabelecido por esse golpe ou por não concordarem com sistema ditador.

Esse trecho, ao meu ver, reflete a voz de Miriam Alves em suas obras, a representação das mulheres negras que morreram em manifesto pela igualdade e liberdade e tantas outras pessoas, que se sentem abduzidas por essas narrativas. Concisamente, observo que essa coletânea, assim como a obra analisada anteriormente, traz uma voz política e ideológica que instiga a reflexão sobre as problemáticas que formam nossa sociedade. Além disso, traz a força-potência da mulher mat(r)iz, sua voz ecoa em todo o livro como resposta ao preconceito, um grito de quem passou muitos anos silenciada e reage às múltiplas violências presentes no espaço real a partir da construção do espaço ficcional.

No geral, os contos são construídos de formas distintas, são histórias que ultrapassam os moldes padronizados estabelecidos por determinados gêneros textuais. Miriam Alves nos apresenta algo inovador, desde a capa — exibindo uma linda mulher negra esbanjando um sorriso de canto a canto, vestindo um vestido verde liso, com um belo colar vermelho e flores amarelas em seu cabelo, com partes de seu corpo sendo juntadas como um quebra-cabeça — às formas como as personagens são trazidas: mulheres negras exercendo diversas funções, sendo violentadas de várias formas e reagindo da sua maneira.

3.2 De faca empunhada, arquiteto planos de libertação: uma análise do conto “Acidente”

A cena 6 (seis) do livro *Juntar Pedacos* traz um relato marcante de uma mulher que (sobre)viveu, por muitos anos, à violência doméstica. Presa em um relacionamento abusivo, não enxergava alternativas para se livrar do homem que a humilhava. O medo de deixar as duas filhas sem pai fazia com que ela suportasse todas as violências que a cercavam. Até que um dia, a personagem consegue reagir e fugir daquela casa com suas filhas depois de um inaudito acidente.

“Acidente” é um conto curto que possui uma narradora personagem — a protagonista da história — e o marido agressor. Alguns outros nomes aparecem na narrativa, como: as filhas do casal, Milton — o novo marido da mulher — e a mãe da personagem. No entanto, essas pessoas não interferem na narração da história, apenas são citadas durante o relato da vítima, que segue uma ordem cronológica dos fatos. A linguagem utilizada é simples e objetiva, pois a personagem aponta de forma direta, sem muitas delongas, todos os atos de violência sofridos.

O conto já inicia com uma cena que provoca um tipo de perplexidade no/a leitor/a. Ao descrever como o marido chegara em casa, a mulher confessa: “fazia anos que a minha vida se

resumia a isso: apanhar pela manhã, para ele aquecer os músculos, antes de ir trabalhar” (ALVES, 2020, p. 31). Sem muitas prerrogativas, a personagem denuncia sua rotina de agressão física matinal praticada contra ela pelo marido embriagado. Esse fato reflete uma ideia patriarcal e androcêntrica de que o homem precisa provar para a sociedade e, também para a sua esposa quem está na posição de dominador. Para Saffioti (2011, p. 75) “efetivamente, a questão se situa na tolerância e até no incentivo da sociedade para que os homens exerçam sua força-potência-dominação contra as mulheres”, contribuindo, assim, com o silenciamento das vítimas de violência doméstica.

Nesse contexto, observamos como a violência é retratada e progredida para a violência sexual em função dessa demonstração de força e de “desfrute do prazer” masculino. A narradora comenta que, “depois de tomar uns birinaites, [o marido] regressava trazendo um doce, um pão ou uma flor, forçava um sorrir, como um pedido de desculpa, afagava minha bunda, me penetrava resfolegando numa trepada apressada. Caía no sono com o órgão murcho à mostra” (ALVES, 2020, p. 31). Depois de agredir a mulher, o homem entrega-lhe alguns “mimos”, ato manipulador e comum em relações abusivas, onde o homem agride e, posteriormente, se desculpa, fazendo, muitas vezes, as vítimas se sentirem inferiores e culpadas por estarem sendo violentadas.

Além disso, vemos nitidamente a gradação dessa violência, que continua e se estende para um estupro. A representação da virilidade desse falo sendo penetrado no ânus da esposa durante a violência sexual espelha o processo destruidor da potência máxima de domínio do agressor sobre a vítima. A relação sexual forçada, por muito tempo, encoberta pelos dogmas patriarcais, foi tratada como algo natural. Existia e ainda existe o pensamento de que é obrigação da mulher oferecer prazer para o seu marido. No texto, a narradora desconstrói essa perspectiva, apresentando um relato extremamente impactante e doloroso.

Em outro momento, a mulher retoma essa violência contínua, relatando, mais uma vez, o ato sexual e a violência física no seu período gestacional, afirmando que suas filhas foram concebidas durante esse “resfolegar”: “Minhas duas filhas foram concebidas nesse resfolegar. Na gravidez, quando eu já estava deitada, ele me virava de bruços, me penetrava por trás, como uma boneca inflável” (ALVES, 2020, p. 31). A mulher sendo penetrada no ânus, como uma “boneca inflável”, objeto manipulável a ponto de estourar a qualquer momento, novamente, denuncia esse estupro. Dentro desse universo, Bourdieu (2012) afirma que:

Mas, em cima ou embaixo, ativo ou passivo, essas alternativas paralelas descrevem o ato sexual como uma relação de dominação. De modo geral, possuir sexualmente,

como em francês *baiser* ou em inglês *to fuck*, é dominar no sentido de submeter a seu poder, mas significa também enganar, abusar ou, como nós dizemos, "possuir" (ao passo que resistir à sedução é não se deixar enganar, não se deixar "possuir" (BOURDIEU, 2012, p. 29).

Esse processo de ser possuída e dominada forçadamente, alimentam o desejo da protagonista em conseguir se vingar e fugir de seu opressor. No entanto, a sua própria realidade interfere nessa tentativa. Uma mulher sem emprego e com filhas para criar, além de uma sociedade que fomenta seu papel de mãe e esposa responsável pelo lar. Presa dentro de sua própria casa e em situação humilhante de desprezo e violência contínua. O conto é, de algum modo, um espelho que respalda uma sociedade formada nos moldes patriarcais. Segundo Del Priore (2014),

“A igreja católica explorou as relações de dominação que presidiam o encontro de homem e mulher dentro de casa, incentivando a última a ser exemplarmente submissa. A relação de poder já implícita na escravidão se reproduzia nas relações mais íntimas entre marido e mulher, condenando esta a ser uma escrava doméstica, cuja existência se justificasse em cuidar da casa, cozinhar, lavar a roupa, servir ao chefe de família com sexo, dando-lhe filhos que assegurassem sua descendência” (DEL PRIORI, 2014, p. 13).

Diante desse contexto patriarcal-androcêntrico, vemos como se forma a nossa sociedade e como o pensamento da dominação masculina é configurado como algo “normal” nas relações. Assim, observamos mais um episódio do conto: “Ao reclamar, apanhei, levei três pontos no supercílio, para saber quem é que manda. Aprendi, ficava à mercê de surras, caprichos e presentes surrupiados (ALVES, 2020, p. 31).

Ao analisarmos a violência presente nesta cena, vemos como a agressão se apresenta de forma habitual e se constitui em uma verdadeira competição de quem tem mais poder — óbvio, uma competição unilateral, proposta pelo próprio agressor, para mostrar quem é que manda na relação, onde ele próprio se torna o “vencedor”. Assim sendo, Saffioti (2011) diz que as mulheres por estarem em uma posição mais reclusa dentro de casa se tornam mais expostas à violência doméstica. Além disso, acrescenta que,

Rigorosamente, a relação violenta se constitui em verdadeira prisão. Neste sentido, o próprio gênero acaba por se revelar uma camisa de força: o homem deve agredir, porque o macho deve dominar a qualquer custo; e a mulher deve suportar agressões de toda ordem, porque seu “destino” assim o determina (SAFFIOTI, 2011, p. 85).

Uma relação baseada no medo, na violência e no controle por muito tempo fez com que a personagem, tendo em vista a visão patriarcal, aceitasse o seu destino e sentisse medo de

reagir a tais violências. Como exposto anteriormente, por causa de todas as dificuldades impostas pela sociedade que dificultam a liberdade da mulher diante da violência doméstica, a vítima permaneceu, por muitos anos, à mercê das agressões de seu marido. Até que um dia, com suas filhas já crescidas, essa mulher, depois de ser violentada novamente, decide reagir:

O vi chegando com as flores murchas, me igualei a elas, murchando nas mãos dele. As meninas não estavam em casa, as deixei com a avó. Segurei as flores, em silêncio fui até a cozinha, as larguei na pia. Peguei um pedaço de cabo de vassoura, coloquei embaixo do travesseiro. Depois que ele resfolegou, virou para o lado, enfiei-lhe o pau no cu. Saí, já havia feito as malas, que me aguardavam na casa da minha mãe. Tomei o ônibus, junto com as crianças, vim para São Paulo, cidade grande, que oculta as pessoas (ALVES, 2020, p. 32).

A descrição da cena é exposta de forma seca e direta, na mesma intensidade que ocorrera a violência e a reação. Podemos observar, também, que o trecho apresentado causa uma comoção no/a leitor/a. Ao analisar a sequência dos fatos, o sentimento é de perplexidade.

Enfiando o “pau no cu” de seu agressor, a mulher consegue se vingar, em partes, pela violência sofrida durante anos. A personagem realiza a sua vingança ferindo o seu algoz fisicamente e, principalmente, atingindo o ego másculo daquele homem. Bourdieu (2012, p. 26) afirma que “o corpo tem sua frente, lugar da diferença sexual, e suas costas, sexualmente indiferenciadas e potencialmente femininas, ou seja, algo passivo, submisso”. É nesse momento que a mulher, de fato, atinge esse homem: introduzindo o material nessa parte submissa, a vista dos machos abusivos, parte “potencialmente feminina”. Observando as entrelinhas dessa cena, vemos a personagem atingindo e encerrando o processo dominador de seu agressor. Mas, não só isso, além de reagir, o trunfo maior é de se livrar do indivíduo e fugir com as filhas para um lugar onde, dificilmente, será encontrada.

Para Saffioti (2011, p. 72) a mulher não sofre passivamente as violências realizadas por seu parceiro, pois “de uma forma ou de outra, sempre reage. Quando o faz violentamente, sua violência é reativa.”. Dessa forma, vale ressaltar que o ato violento da vítima em penetrar o cabo de vassoura no ânus de seu agressor, como bem pontua Saffioti (2011), é uma ação reativa e não se equipara com a agressão do opressor.

Partindo dessa premissa, percebemos que após fugir de seu agressor, a personagem cria um tipo de escudo. Aquela mulher que fora oprimida por tantos anos dentro da própria casa, não aceita mais nenhum ato violento, em qualquer atitude ameaçadora, a personagem toma a iniciativa de reagir. Desse modo, a narradora afirma:

Refiz minha vida, casei de novo. [...] Quando o Milton, meu novo marido, ergueu a mão para mim pela primeira vez, dei-lhe um tabefe no meio dos cílios. Empunhando uma faca, perguntei: ‘Você quer jantar?’ Ele, assustado, respondeu que sim. ‘Que bom, você quer jantar. Sabe, Milton, cansei de apanhar’ (ALVES, 2020, p. 32).

“Eu estou cansada de apanhar”. Esta frase pronunciada pela personagem do conto “Acidente” ressoa a de várias mulheres que sofrem com a violência doméstica e que se sentem impotente diante de tais agressões. Conforme Bourdieu (2012, p. 138):

Se a unidade doméstica é um dos lugares em que a dominação masculina se manifesta de maneira mais indiscutível (e não só através do recurso à violência física), o princípio de perpetuação das relações de força materiais e simbólicas que aí se exercem se coloca essencialmente fora desta unidade, em instâncias como a Igreja, a Escola ou o Estado e em suas ações propriamente políticas, declaradas ou escondidas, oficiais ou oficiosas (basta, para nos convenceremos disto, observar, na realidade imediata, as reações e as resistências ao projeto de contrato de união social).

A violência contra a mulher é tão marcante na nossa sociedade e tão incentivada pelos dogmas patriarcais e androcêntricos que, novamente, essa mulher se depara com um homem tentando mostrar “quem é que manda na relação”. Usufruindo de sua posição de prestígio perante a sociedade e apresentando a sua força-potência-dominante, Milton ergue a mão para agredir sua nova esposa. Entretanto, prontamente, a mulher que tanto sofreu no domínio do pai de suas filhas, instintivamente, reage e impede a violência física.

Posteriormente, a narradora encerra o seu relato apontando a situação atual de seu antigo agressor por meio de uma lembrança, como podemos ver a seguir: “Minha mãe, outro dia, informou que o meu ex-marido anda estranho, murchando quais flores de cemitério. Diz que é por conta do acidente, quando, ao trepar para trocar a lâmpada, a cadeira quebrou, lhe causando uma desgraceira” (ALVES, 2020, p. 32).

A representação da flor murcha é mencionada pela terceira vez no texto. A flor que simboliza a beleza, a perfeição e, no cristianismo, a representação da harmonia do espaço celestial é apresentada no seu estado de fraqueza ou de morte. A flor murcha que tanto representou a solidão, a desilusão do amor daquela mulher que sofrera a violência de seu marido, agora, é designada e comparada à situação atual do antigo agressor.

Murchando como as flores do cemitério, o homem justifica a sua condição dizendo que lhe ocorreu um acidente: desculpa utilizada por muitas vítimas de agressão doméstica. Como pontua Juliana Sankofa (2020) “A cena 6, intitulada ‘Acidente’, ativa no nosso imaginário os exemplos de violências domésticas em que mulheres, por vergonha ou intimidação, ocultam a origem do abuso dizendo ser só um acidente” (SANKOFA, 2020, p. 108).

Em suma, constato que a diferença do conto “Acidente” em relação ao conto “Alice está morta”, que analisamos anteriormente é, sobretudo, o ápice da reação. Aqui, a violência não fica totalmente impune, como ressalta Silva (2020):

Atacadas de maneira vil, as personagens vão construindo estratégias meticulosas para se defenderem de seus agressores. A defesa, muitas vezes, transforma-se numa vingança: aqui, os machos abusadores não saem impunes. No conto “Acidente”, depois de sofrer sucessivas violações, a protagonista prepara a vingança” (SILVA, 2020, p. 14).

Reação vingativa que não se compara a todos os traumas físicos e psíquicos deixados na vítima pelo sujeito macho-agressor. No entanto, pela primeira vez, a mulher teve o prazer de se sentir na posição de dominante e não de submissa, além de retribuir a penetração no ânus, o auge da humilhação para a masculinidade frágil daquele homem. A seguir, investigaremos a “Fonte de Perplexidade” presente na descrição das cenas de violências por parte do agressor e também no ato reativo da vítima.

3.3 Letras que atravessam certezas: Fonte de Perplexidade

“Ao longo dos anos, arquitetei planos de libertação. Pensava em enfiar uma faca no meio das pernas dele, quando se virasse de costas para dormir. Esquentar azeite de dendê e, quando começasse a roncar, despejar no pinto murcho. Mas tinha as meninas, que ficariam sem pai e sem mãe.”
(Miriam Alves)

O conto “Acidente”, de Miriam Alves, apresenta a força de uma mulher juntando seus próprios pedaços e narrando a sua própria vivência em um contexto de violência doméstica. Diferente de tantas outras que, geralmente, são silenciadas, essa mulher em seu relato curto denuncia a violência praticada contra ela pelo seu próprio marido. Para isso, ela utiliza uma linguagem direta e objetiva, que descreve cada ato violento, além de explicar a sua própria reação depois de mais um ato agressivo.

No decorrer do enredo, ao observar os episódios de violência e a reação da vítima, o sentimento é de perplexidade. Por diversos momentos, a vítima é agredida, mas não consegue reagir e, como Silva (2018, p. 174) discorre, “esse efeito nos arrebatava quando adentramos os ambientes encenados nas narrativas e observamos de perto as personagens paralisadas pela violência que sofreram”. Verificamos, por exemplo, esse efeito nos atingindo quando a vítima nos relata a brutalidade das agressões físicas e sexuais: “afagava minha bunda”; “me penetrava

resfolegando numa trepada apressada”; “me penetrava por trás, como uma boneca inflável”. Expressões impactantes que intensificam a brutalidade desse processo de dominação masculina e de múltiplas violências.

No decorrer do conto, somos acometidas pelo desespero da vítima, que já espera pela violência. Em seu relato, ela diz: “Ele estava chegando, vinha meio cambaleante, me arrepiei inteira. Nas mãos, trazia um buquê de rosas murchas, roubado de algum túmulo, ao cortar caminho pelo cemitério” (ALVES, 2020, p. 31). O estado embriagado do homem potencializava a previsão de agressão, que ocorria assim que o marido chegava em casa. As flores murchas do cemitério refletem o tom pesado e sombrio de semblante da narradora, os arrepios provenientes do medo tomam conta do seu corpo e mostra para o/a leitor/a o estado perplexo dessa mulher. Podemos inferir também, que o ato de mencionar as rosas murchas e o cemitério revela a incerteza da protagonista sobre sair viva das agressões, ou, assim como as rosas roubadas de algum túmulo, ter sua própria vida roubada e ceifada pelo seu marido.

Para Silva (2018), a situação perplexa das personagens vítimas de violência de gênero, envolve o/a leitor/a, provocando um efeito que ela nomeia como Fonte de Perplexidade. A personagem, aqui, está exposta às múltiplas violências que englobam a violência doméstica, principalmente a física e a sexual. A narradora desse conto relata os fatos com extrema objetividade e sendo bastante realista em cada detalhe, inclusive na sua reação, deixando o/a leitor/a perplexo com as cenas.

Nesse cenário, a representação da violência pode ser feita, segundo Silva (2018, p. 176), “através de uma performance violenta que ultrapassa a barreira do que pode ou não ser representado”. Ao arquitetar seu plano de libertação, por exemplo, a personagem pensou em enfiar uma faca no meio das pernas do agressor e esquentar azeite de dendê e despejar naquele projétil falo que, por tantas vezes, lhe foi penetrado violentamente. Além disso, é interessante verificar que as reações pensadas nesse planejamento têm o intuito de atingir um único lugar: o pênis, instrumento potencializador da masculinidade tóxica, o qual tantas vezes, nas diversas penetrações, rasgava o íntimo da mulher violentada e humilhada.

É possível que, no trecho do conto acima mencionado, a fonte de perplexidade apareça nos momentos em que a personagem apresenta o seu plano de libertação, mas também no momento em que ela desiste e continua sofrendo as agressões com medo de deixar suas filhas sem pai e sem mãe ou que o agressor desconte em suas descendentes a fúria da vingança. Nesses dois momentos, o/a leitor/a é tomado pela surpresa e pela sensação perplexa de impotência diante das cenas, sabendo que isso de fato ocorre em relações da vida real.

Ao analisar a estratégia narrativa presente no conto, verificamos que a Fonte de Perplexidade inserida nas encenações das violências relatadas pela protagonista se assemelha as cenas brutais de violência encenadas por escritoras africanas. De acordo com Silva (2018, p. 190-191):

[...] Quando entramos em contato com a realidade violenta e hostil, construída pelas autoras africanas, num espaço tomado por uma profunda melancolia, onde parece não haver a menor perspectiva de mudança, somos invadidas por uma sensação incômoda, sensação intensificada quando nos deparamos com o olhar perplexo de algumas personagens e seus olhos desvairados de horror diante da morte. Este pavor encenado nos contos, de certo modo, ultrapassa as linhas da ficção, tirando-nos de nossa zona de conforto. Diante do horror encenado e que presenciamos paralisadas, os contos parecem nos perguntar: você vai ficar aí olhando, sem fazer nada?

De modo semelhante ao que é refletido na citação acima, quando analisamos o conto “Acidente” sentimos o mesmo impacto. Percebemos que a Fonte de Perplexidade vai se intensificando gradativamente no enredo até a esperada reação da vítima, encerrando todo o processo violento que sofrera por anos.

É importante enfatizar que antes de relatar de fato a sua reação ativa contra a violência sofrida, a narradora deixa o/a leitor/a bem informado/a acerca de tudo o que lhe aconteceu. Toda a violência é detalhada explicitamente. Fatos passados, neste caso, “são trazidos à tona para dar sentido a acontecimentos ocorridos no presente das personagens” (SILVA, 2018, p. 131). Ou seja, uma forma de explicar para a sociedade que seu ato agressivo era apenas reativo.

Decidida, a mulher planeja a sua libertação. Dessa vez, suas filhas estão crescidas e foram deixadas na casa da avó. A personagem espera seu marido chegar com um pedaço de pau embaixo do travesseiro, tendo a certeza de que o estupro aconteceria. Pela última vez, essa mulher se vê diante da violência, após ter sido abusada sexualmente, como de costume, o homem lhe penetra e, ao terminar, vira cansado, ficando de costas para a vítima. Em uma posição, conforme Bourdieu (2012), submissa, a mulher introduz o material no ponto que fere a posição de macho abusador do homem.

Em meio às cenas extremamente impactantes, estabelecemos uma conexão intrínseca entre a ficção e a vida real, que nos atinge profundamente e nos faz refletir sobre o horror do episódio: A mulher para reestabelecer a sua dignidade e liberdade precisa reagir violentamente, chegando a agir na mesma medida que seu agressor. Posteriormente, juntando seus pedaços, iniciando uma nova trajetória, como vimos anteriormente, casando novamente, sofre uma nova tentativa de violência, mas, no ato ameaçador de violência, ela reage e afirma: “Sabe, Milton, cansei de apanhar”. Reação que conforta o/a leitor/a, que fora abduzido e tocado por essa

história, mostrando que essa mulher não mais permitirá receber menos do que ela merece, brotando uma esperança de que outras mulheres consigam sobreviver e sair de relações abusivas e findarem a violência sofrida dentro de seu próprio lar.

Ademais, à medida que conforta, esse fato também nos leva a pensar sobre essa mulher, diferente dos outros contos da obra, iniciar uma nova relação heterossexual e, posteriormente, sofrer a tentativa da imposição da força-potência-masculina. A violência presente na maioria das relações heteronormativas escancara a realidade do pensamento dominador masculino, reflexo, também, de uma criação enraizada nos moldes patriarcais e androcêntricos, que ensina os homens a dominarem, a exercerem a sua força máxima sobre a mulher, a fazerem de suas esposas submissas e servas, principalmente, sexuais, mesmo que para isso seja utilizada a violência.

Diante do exposto, verificamos que a Fonte de Perplexidade nesse conto não está inserida apenas na linguagem direta e objetiva, mas em todas as facetas que o formam: na comoção causada pelo relato da personagem, no impacto da descrição das violências, no planejamento e na desistência da vítima em fugir de casa, nas reações da vítima, no momento em que ela se depara novamente com a violência doméstica e reage de forma inesperada. Por fim, o alívio em acompanhar a liberdade dessa mulher. Assim, no conto “Acidente”, partindo da perspectiva de Assunção Maria de Sousa e Silva (2020, p. 105), Miriam “nos convoca a pensar sobre os dias atuais, época de confinamento, pandemia e alto índice de feminicídio”. Por fim, além da denúncia, percebemos na narrativa analisada, assim como em outros contos de *Juntar Pedacos*, o incentivo para as mulheres vítimas de violência se reconstruírem e criarem forças para saírem de relacionamentos abusivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura afro-brasileira de autoria feminina vem ganhando cada vez mais espaço no cenário intelectual brasileiro. As muitas lutas, sobretudo, do Movimento Negro são responsáveis por essa conquista. Atualmente, podemos, apesar de todas as dificuldades, contemplar a escrita de resistência de mulheres negras. Uma escrita marcada por um discurso diferenciado e recursos narrativos que somam vozes de denúncia à conjuntura social e à literatura hegemônica — a qual, por muito tempo, inibiu a jornada de conquistas da mulher negra e tentou silenciar suas vozes.

Miriam Alves é uma dessas vozes literárias, trazendo-nos uma literatura que reflete situações, muitas vezes, mascaradas pelo poder do sistema patriarcal ainda atuante em nossa sociedade, mostrando-nos, também, as relações que subjazem a vida da mulher em pleno século XXI. Durante a investigação literária, observamos a voz de Miriam Alves ecoando como um grito de denúncia de através das suas personagens. Seu processo literário é transgressor e, como a própria escritora relata, é sobre “ser sujeito das nossas próprias histórias, desconstruindo e reconstruindo a história da nação, a partir do momento que deixamos, simplesmente, de ser mero objeto das histórias alheias” (ALVES, 2020, p. 233).

Esse processo de desconstrução e reconstrução é notável em suas obras. Em *Mulher Mat(r)iz*, por exemplo, vemos a desconstrução do estereótipo relacionado à mulher negra na literatura hegemônica. Miriam traz a força mat(r)iz e a independência da mulher negra. As personagens participam do mercado de trabalho e conseguem ascender socialmente. Conforme Augel (2020, p.14) anuncia, “as personagens femininas de *Mulher Mat(r)iz* são mulheres com bons empregos e bons salários, com uma situação financeira e social estáveis”.

Em *Juntar Pedacos*, a autora nos traz personagens em diversos contextos sociais. Um dos pontos que mais nos chama a atenção é a liberdade afetiva dessas mulheres. Em sete narrativas — vemos sem estereótipos e sem rótulos — o encontro de dois corpos-fêmeos, entrelaçados de formas diferentes, ajudando a se reconstruírem. Identificamos, também, que a violência nessa coletânea não fica impunes, as personagens reagem de formas diversas, seja passivamente e até mesmo ativamente, agredindo o seu agressor.

A partir desse cenário, aprofundamos o nosso olhar para a análise da violência contra a mulher em contos de Miriam Alves presentes nas obras citadas anteriormente. O conto “Alice está morta”, apresenta na composição do seu enredo elementos de Ferocidade Poética, que ganham vida na linguagem utilizada pelo narrador para descrever os episódios de violências e

que criam um estado de ternura e fúria na mesma intensidade. Dessa forma, o/a leitor/a consegue sentir o desespero da mulher que anseia pela vida mesmo sendo silenciada. Já no conto “Acidente”, identificamos a caracterização de uma Fonte de Perplexidade, cujo sentido reflete o estado perplexo que ficamos ao ler a história. Todo o conjunto de vocábulos utilizados, a descrição da violência sofrida pela vítima e a reação da personagem diante dos atos violentos criam uma sensação de perplexidade, propiciando uma experiência única em cada leitor/a.

No decorrer da nossa análise pudemos refletir sobre aspectos referentes às violências praticadas contra as mulheres, sejam elas simbólicas ou físicas. Além disso, verificamos como os recursos narrativos enfatizam ainda mais as violências praticadas e como o/a leitor/a é impactado/a com essas estratégias.

Considerando o percurso literário de Mirian Alves e de outras autoras, como Conceição Evaristo, por exemplo, e sendo consciente de que por muitos anos nós, mulheres, tivemos a nossa voz silenciada e nossas escrituras arrancadas, saliento a importância de novos estudos literários sobre a perspectiva da violência contra a mulher, principalmente contra a mulher negra em narrativas de autoria feminina. Pois, como a personagem Sebastiana fala no conto “Mergulho”: “Nossa maior atitude é estar vivo e viver” (ALVES, 2020, p. 40). Lutemos para não sermos “atropeladas” novamente e que a nossa voz seja ecoada em um só ritmo.

No que tange ao âmbito acadêmico, espero que este trabalho possa inspirar novas pesquisas sobre os textos de Miriam Alves, além de futuras investigações sobre as produções de intelectuais afro-brasileiras, pois elas nos ajudam a alcançar uma nova percepção sobre as distintas realidades que perfazem a constituição da vida social e privada das mulheres. Na produção literária de intelectuais afro-brasileiras, percebemos que o discurso político e ideológico se manifesta nas narrativas em forma de denúncia, atingindo o/a leitor/a afetivamente ou perplexamente e levando-o/a a refletir e agir sobre as problemáticas da conjuntura social em que estamos inseridos/as.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Miriam. (2020). 'Mudando a história com palavras e persistência' (depoimento e poemas). **ELyra**: Revista Da Rede Internacional Lyracompoetics, (16), 231-238. Disponível em: <https://www.elyra.org/index.php/elyra/article/view/361> Acesso em: 07/07/2021.
- ALVES, Miriam. **Juntar Pedacos**. Rio de Janeiro: Malê, 2020.
- ALVES, Miriam. **Mulher Mat(r)iz**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011
- AUGEL, Moema Parente. "E agora falamos nós": literatura feminina afrobrasileira. In AFOLABI, Niyi, BARBOSA, Márcio e RIBEIRO, Esmeralda (Orgs.). *A mente afro-brasileira*. Trenton-NJ / Asmara: África World Press, 2007.
- AUGEL, Moema Parente. Prefácio. In: **Mulher Mat(r)iz**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.
- BELL HOOKS (2014). **Não sou eu uma mulher. Mulheres negras e feminismo**. 1.ed. 1981, Tradução livre para a Plataforma Gueto. Disponível em: https://plataformagueto.files.wordpress.com/2014/12/nc3a3o-sou-eu-uma-mulher_traduzido.pdf Acesso em: 26/03/2021
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- CASTANHEIRA, Cláudia. Escritoras brasileiras: momentos-chave de uma trajetória. **Revista Diadorim** / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 9, julho 2011. [<http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br>]
- DEL PRIORE, Mary. **Histórias e conversas de mulher**. São Paulo: Planeta, 2014.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. *Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários*, Londrina, v. 17-A, dez. 2009, p. 6-18.
- EVARISTO, C. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, v. 13, n. 25, p. 17-31, 17 dez. 2009. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/4510>. Acesso em 20 abr. 2021.
- FACINA, Adriana. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- ROWELL, CH; ALVES, M; WILLIS, B. Miriam Alves. **Callaloo**, v. 18, n. 4, 1995, pág. 802-804. Disponível em: http://muse.jhu.edu/journals/callaloo/v018/18.4int_alves_p.html. Acesso em:
- SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.
- SANKOFA, Juliana. Posfácio. In: **Juntar Pedacos**. Rio de Janeiro: Malê, 2020.

SILVA, Assunção de Maria Sousa e. Posfácio. In: **Juntar Pedacos**. Rio de Janeiro: Malê, 2020.

SILVA, Franciane Conceição da. **Corpos dilacerados**: a violência em contos de escritoras africanas e afro-brasileiras. 2018. 210 f. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <http://eds.b.ebscohost.com/eds/detail/detail?vid=1&sid=1e5562ab-9605-41cd-9611-3a322fb68703%40pdv-sessmgr02&bdata=Jmxhbmc9cHQYnImc2l0ZT1lZHMtG12ZQ%3d%3d#AN=sib.514867&db=cat06909a>. Acesso em: 18 mar. 2021.

SILVA, Franciane Conceição da. Da pedra onde brotou uma flor: feições da Ferocidade Poética. Congress of the Latin American Studies Association. Boston, USA, 2019.

SILVA, Franciane Conceição da. Prefácio. In: **Juntar Pedacos**. Rio de Janeiro: Malê, 2020.

SUDRÊ, Lu; COCOLO, Ana Cristina. Brasil é o 5º país que mais mata mulheres. **Revista Entreteses**, São Paulo, v. 7, n. 7, p. 32-35, nov. 2016. Disponível em: https://www.unifesp.br/reitoria/dci/images/DCI/revistas/Entreteses/EntreTeses_07_2016.pdf. Acesso em: 23 mar. 2021.